



ALINE IRACY RODRIGUES SILVA

**O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A DIDÁTICA
NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO.**

**LAVRAS – MG
2019**

ALINE IRACY RODRIGUES SILVA

**O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A DIDÁTICA
NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO.**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof(a). Dr(a). Francine de Paula Martins Lima

Orientadora

**LAVRAS – MG
2019**

“Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia,
socorro presente na hora da angústia. À meu marido Cleber Henrique da Silva,
a minha mãe Maria Aparecida Silva Rodrigues e aos meus filhos amados
Cleber Henrique Silva Júnior e João Eduardo Rodrigues da Silva,
e a todos os meus familiares”.

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras, especialmente ao Departamento de Educação, pela oportunidade.

À minha orientadora Francine de Paula Martins Lima, pela orientação, paciência e disposição para ajudar.

Todos os professores do curso de Pedagogia que devido suas aulas instigantes me fizeram refletir sobre o nosso futuro docente.

A minha mãe, Maria Aparecida Silva Rodrigues pelo amor e apoio incondicional, que soube entender a minha ausência em alguns momentos.

Ao meu marido Cleber Henrique Da Silva e aos meus filhos, pelo companheirismo, amor, apoio em todos os momentos.

MUITO OBRIGADA!

“A educação do futuro deverá se aproximar mais dos “aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais”... Todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos”.

(GADOTTI, 2003, p.25)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado e da Didática na busca pela formação do professor reflexivo. Para tanto, esta pesquisa de cunho qualitativo está organizada em duas etapas: a primeira refere-se ao levantamento bibliográfico acerca do tema considerando o banco de periódicos da Capes (últimos três anos), a fim de aprender o que sinalizam as pesquisas acerca do tema em tela; a segunda centra-se na pesquisa participante, a partir da vivência de uma aluna do Curso de Pedagogia de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais, e os modos de apropriação dos conhecimentos didáticos para a compreensão dos fenômenos encontrados na ocasião do estágio. Os estudos correlatados apontam que a ideia de formação do professor reflexivo não é recente, mas que a sua efetivação no contexto da formação inicial é tímida. As atividades que tenham como base a pesquisa podem favorecer a formação do professor reflexivo, capaz de analisar o contexto escolar e a profissão docente de forma mais crítica, para se apropriar e recriar os conhecimentos profissionais, bem como de construir novos conceitos. Temos evidências de que o Estágio Curricular Supervisionado é um instrumento importante para a constituição da profissionalidade docente e que ao pesquisar e levantar possibilidades de encaminhamento sobre as questões específicas do Estágio são consolidadas as aprendizagens de futuros profissionais em educação. O estágio, realizado de forma consciente, muda as concepções de estudantes no percurso da graduação, desenvolvendo uma postura reflexiva. A Didática contribui por ser um instrumento usado pela pedagogia no intuito de orientar as atividades educativas.

Palavras-chave: Professor Reflexivo; Didática; Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

This research aims to investigate the contributions of the Supervised Curriculum and Didactics in the search for the formation of the reflective teacher. To do so, this qualitative research is organized in two stages: the first one refers to the bibliographical survey about the subject considering the periodicals database of Capes (last three years), in order to learn what signals the researches about the theme on screen; the second focuses on the participant research, from the experience of a student of the Pedagogy Course of a Federal University of the South of Minas Gerais, and the ways of appropriating didactic knowledge for the understanding of the phenomena found at the time of the internship. The correlated studies indicate that the idea of reflective teacher formation is not recent, but that its effectiveness in the context of initial formation is timid. The research-based activities may favor the formation of the reflective teacher, capable of analyzing the school context and the teaching profession more critically, to appropriate and recreate professional knowledge, as well as to construct new concepts. We have evidences that the Supervised Curricular Internship is an important instrument for the constitution of teaching professionalism and that when researching and raising possibilities of referral on the specific issues of the Internship, the learning of future professionals in education is consolidated. The stage, realized in a conscious way, changes the conceptions of students in the course of the graduation, developing a reflexive posture. Didactics contributes by being an instrument used by the pedagogy in order to guide the educational activities.

Keywords: Reflexive Professor; Didactics; Supervised internship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	OBJETIVO GERAL	10
2.1	Objetivos específicos	10
3	METODOLOGIA	10
4	O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	12
4.1	O estágio e a Didática: possibilidades no processo de ressignificação da aprendizagem da docência e da formação do professor reflexivo	13
5	DA IMERSÃO NO ESTÁGIO À CONSTITUIÇÃO DE CONHECIMENTOS DIDÁTICOS: CAMINHOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO	25
5.1	Gestão do Tempo	26
5.2	Organização da Sala de Aula	29
5.3	Relação com o Conhecimento	31
5.4	Relação entre Professor e Aluno	34
5.5	Planejamento	35
5.6	Outras Informações	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7	REFERÊNCIAS	41
8	ANEXOS	43
8.1	Quadro de revisão bibliográfica	44
8.2	Quadro de observações escola A e escola B	50

1-INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que no estágio os estudantes têm a possibilidade de abordar questões teóricas que viram no curso de Pedagogia com a prática da docência, fazendo uma reflexão sobre o que é feito e reproduzimos nas práticas de estágio.

Analisar as práticas de estágio e as possibilidades de compreensão da ação docente nos permite oportunizar uma formação situada no contexto da sala de aula e nas práticas reais que nela se dão. Há espaço para a discussão e resignificação, do ponto de vista da Didática, das práticas pedagógicas desempenhadas e oportuniza a aquisição de novos conhecimentos profissionais.

Nesse sentido, a Didática revela-se um instrumento de orientação para a atividade educativa tornando-a eficiente na busca de uma formação que vai à direção contrária de uma formação de professores que reproduz modelos mal sucedidos, que ao invés de questioná-las, as repliquem.

Compreendemos que a imersão no campo do estágio pode contribuir com a resignificação de conhecimentos profissionais de alunos ainda em formação no Curso de Pedagogia. Assim, esta pesquisa objetiva investigar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado no percurso formativo de uma futura professora, graduanda em Pedagogia para a formação do professor reflexivo. Para tanto, optou-se pela pesquisa participante realizado por uma aluna da graduação em Pedagogia, em situação de estágio.

Várias são as discussões sobre a necessária qualidade da educação no Brasil nas pesquisas educacionais. Porém, alcançar esse objetivo demanda a compreensão de aspectos econômicos, políticos e socioculturais que cercam a formação inicial, a formação continuada, políticas públicas, envolvimento da sociedade, das famílias e inúmeros outros fatores (GATTI, 2010). Não podemos estudar o estágio curricular supervisionado e a Didática como se fossem isolados e descontextualizados da educação porque a formação de professores ganha destaque, como uma possibilidade de formação ampliada e sólida no campo da docência.

No estágio, temos a possibilidade de colocarmos em prática o que vimos no curso de Pedagogia, e por isso consolidamos e resignificamos os conhecimentos profissionais adquiridos.

Como na educação existem vários aspectos a serem estudados e pesquisados no intuito de melhoria da qualidade educacional, o que buscamos é investigar as contribuições do Estágio

Curricular Supervisionado e da Didática para a formação do professor reflexivo, no período de formação inicial.

2-OBJETIVO GERAL

Investigar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado e da Didática na busca pela formação do professor reflexivo.

2.1 – Objetivos específicos

- Situar o estágio curricular supervisionado como momento privilegiado da formação de professores reflexivos
- Identificar as possibilidades de aproximação e interlocução entre o estágio supervisionado e a didática na formação do professor reflexivo
- Descrever, na perspectiva de uma estudante do curso de Pedagogia, as principais aprendizagens no campo da docência por consequência da passagem pelo estágio

3- METODOLOGIA

Contaremos com uma pesquisa descritiva, qualitativa, teórico-empírica que articule as contribuições do estágio e de conceitos afetos à Didática na formação do professor reflexivo na constituição de elementos para a sua docência durante a formação inicial de professores, levando em consideração as complexidades exigidas pelo tema, seus fatos, suas particularidades com foco no processo e no método indutivo, de observação participante.

Para tanto, nossa primeira tarefa foi delimitar o objeto de estudo definindo claramente nosso foco de investigação conforme esclarece Ludke e André (2011). As técnicas de observação são extremamente úteis para “descobrir” aspectos novos de um problema é fundamental nas situações em que não exista uma base teórica sólida que oriente a coleta de dados. Sobre a importância da observação participante, podemos dizer:

As questões sobre o grau de participação do pesquisador aqui enfocadas são muito similares às que surgem nos trabalhos de observação participante, que tem sua tradição na antropologia e na sociologia. Segundo Denzin (1978) a observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção” (p.183).

Para Ludke e André (2011, p. 28), a observação participante “É uma estratégia que envolve, pois não só a observação direta, mas todo um conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada” acredita-se que ela é envolvida por técnicas metodológicas que fazem com que o pesquisador se sinta parte dela.

Os questionamentos norteadores desta pesquisa partem de entender de que forma o estágio pode contribuir para que a discente em formação realize uma pesquisa de observação participativa no campo escolar de modo interferir na sua própria formação trazendo um breve relato de suas experiências como discente estagiário, levando a repensar todo o processo de formação. Nossas hipóteses é que a interlocução entre teoria e prática, aliadas ao estágio com uma didática de constante reflexão, possam tornar a formação mais significativa.

Nós contamos com um levantamento bibliográfico e pesquisas correlatas começando pela revisão de literatura científica que foi indicada pela orientadora da pesquisa e socializada pelo grupo de estudo e pesquisas FORPEDI (Formação Docente e Práticas Pedagógicas à Luz da Psicologia da Educação e da Didática), com as contribuições dos seguintes autores: Almeida, Pimenta (2015), Gatti (2010), Martins, F. P. (2015) e Mizukami (2002).

Posteriormente apoiou-se no tema considerando o banco de periódicos da Capes (últimos três anos) a fim de aprender o que sinalizam as pesquisas acerca do tema em tela, partindo das três palavras chave desta pesquisa: “professor reflexivo; didática; estágio supervisionado”, sob a orientação de Francine de Paulo Martins Lima para a confecção de uma tabela de revisão bibliográfica.

Além disso, foram utilizadas as observações em campo e anotações do caderno de “Campo de Estágio” de uma aluna em situação de estágio obrigatório supervisionado em duas escolas distintas da rede estadual de uma cidade do sul de Minas Gerais onde foram observadas duas salas de aula de séries iniciais do Ensino Fundamental. Sabemos que são duas escolas de diferentes realidades culturais, ampliando nosso olhar ao mostrar como agir em realidades adversas.

A partir das observações feitas durante o estágio obrigatório, foi possível estabelecer as diversas dimensões que envolvem o ambiente escolar, e como todas elas têm grande importância para a formação do futuro professor.

Nesta pesquisa nomeamos as escolas em A e B, e fazemos um comparativo não para apontar qual é a melhor ou a pior, mas sim para analisar nossas descobertas e aprendizagens durante esta caminhada como aluna iniciante de Pedagogia até a fase final da graduação.

A partir das anotações em campo, foi possível fazer uma tabela onde se colocava dados da escola A e B para as seguintes categorias: a gestão do tempo; a organização da sala de aula; a relação com o conhecimento (ensinar- seleção do conteúdo); a relação entre professor e aluno; o planejamento e outras informações que eram consideradas importantes.

Dessas questões, foram feitas investigações e levantadas possibilidades de encaminhamento sobre as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado e da Didática para a consolidação de aprendizagens como estudantes e futuras docentes adquiridas e vivenciadas em sala de aula durante o período de estágio para a formação de um professor reflexivo, no período de formação inicial.

4- O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Inicialmente partimos das descobertas de Almeida e Pimenta (2015), André (2017), Lucas e Martins (2015), Mizukami (2002), que além de tratarem várias outras dimensões sobre a formação do professor também valorizam a importância da relação dialética entre teoria e prática para a formação docente.

Geralmente podemos verificar essa junção entre teoria e prática em projetos desenvolvidos pelas instituições formadoras, em programas governamentais ou nos estágios curriculares.

Sabemos que teoria e prática podem ser vistas em outros âmbitos, o foco aqui é apontar as contribuições do estágio curricular supervisionado para a formação docente.

Nesse sentido, Zabalza (2015, p.39) assegura que “o estágio é uma oportunidade de aprendizagem fundamentada no trabalho (*work-related learning*)”. O autor explica que o estágio apresenta uma forma de alternar ou reforçar o que foi estudado na academia com a formação voltada para a prática.

Zabalza (2015) aponta que uma das principais contribuições do estágio é a integração dos estudantes em um cenário profissional para conhecer e participar da cultura e do estilo de trabalho daqueles que exercem a profissão almejada pelos estudantes. Fazer o estágio significa encontrar a profissão e suas práticas.

Sobre os estágios curriculares, Ryan, Toohey e Hunghe (1996, p. 360), citado por Zabalza (2015, p.43), relata que eles são divididos por 4 tipos:

- 1. O estágio orientado para a formação prática dos aprendizes, cujo objetivo principal reside na aquisição das qualidades que serão importantes para o desempenho da profissão. Nesse tipo de estágio há uma grande semelhança com a relação entre os aprendizes de antigamente e os seus mestres, em que os artesãos ensinavam seu ofício aos aprendizes orientando a sua conduta, nesse caso, quem orienta a conduta dos estagiários é o coordenador do estágio.
- 2. O estágio orientado para a consecução de objetivos acadêmicos por meio das práticas, em que tem se a possibilidade de aplicar o que foi estudado nas disciplinas durante os estágios.
- 3. O estágio orientado ao desenvolvimento pessoal e à construção da identidade profissional. Salienta-se que nesse tipo de estágio o que se prioriza é a reflexão sobre a experiência profissional.
- 4. O estágio orientado para a integração de conhecimentos teóricos e práticos, complementando as aprendizagens e as experiências acadêmicas com outras atividades que se produzem sobre o campo profissional. Sendo este o item mais atual e coerente com a formação docente integrando o profissional por meio de habilidades, valores e conhecimentos.

É inevitável fazer a ligação estágio e início à docência, porque é no estágio que iniciamos os primeiros contatos com a sala de aula e a escola na condição de futuras professoras.

Entende-se, assim, que o estágio é um instrumento facilitador, que promove a inserção gradativa dos futuros docentes ao meio profissional, como uma forma de minimizar o sentimento de insegurança enfrentado durante o período de formação, assim como no início da carreira profissional como professores.

O estágio é um instrumento que faz a ligação entre a teoria e a prática, conseguindo propiciar aos estagiários momentos e experiências que são específicos da profissão docente, contribuindo para a consolidação do “se sentir docente”, sendo um mecanismo importante para fixação e qualificação profissional.

Diante disso, Gatti (2010) aponta a importância dos estágios na formação inicial docente, mostrando os caminhos percorridos pela educação brasileira, sendo ela cheia de dificuldades, porém com possibilidades de serem resolvidos.

O estágio nos oportuniza a experiência da docência, porém sabemos que na educação brasileira encontramos muitas dificuldades e somente vivenciar o estágio não seria uma experiência capaz de resolver as diversas possibilidades que encontraremos no dia a dia da docência.

4.1 – O estágio e a Didática: possibilidades no processo de ressignificação da aprendizagem da docência e da formação do professor reflexivo

Gatti (2010), além de destacar a importância do estágio e do currículo para qualificar o profissional docente, ressalta que a educação também é delineada pelas leis, e por isso, acaba se tornando fragmentada, pois é influenciada por vários fatores. A autora salienta

No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em currículos articulados e voltados a esse objetivo precípua. (GATTI, 2010 p. 1375).

Gatti (2010) deixa claro sobre a importância de integrar a formação docente em currículos articulados e voltados ao primordial, que é a formação inicial de professores visando à qualidade da formação docente devendo se ater a vários fatores e não somente a tradição disciplinar docente, pois não devemos nos sobrepor as demandas gerais da escola básica nem apresentarmos resistências às soluções de caráter interdisciplinares para o currículo. A formação precisa partir de seu campo de prática e agregar a estes profissionais os conhecimentos necessários em seus fundamentos e as suas mediações didáticas.

Profissionais bem formados críticos e comprometidos serão capazes de compreender a importância de sua práxis docente, promovendo a reflexão e a busca por uma didática e uma formação de qualidade.

Nesse sentido, Pimenta (2015) e Mizukami (2002) esclarecem que a pesquisa da aprendizagem da docência pode ser uma saída para enfrentar os problemas do dia a dia, quando possibilitam a ligação entre as escolas e as universidades, promovendo discussões sobre a práxis, nesta ida e vinda entre universidade e escola feita por alunos estagiários que estão sempre em movimento de reflexão.

André (2017) também observa essa ligação entre universidade e escola, tratando o processo de constituição da profissionalidade docente na tentativa de identificar os principais desafios em suas práticas cotidianas nos anos iniciais da educação básica e na educação infantil, analisando elementos de identidade e o desenvolvimento profissional desses docentes.

A autora em pesquisa realizada sobre os desafios que os professores enfrentam nos anos iniciais ficando evidente a importância das relações do cotidiano escolar, tanto com os pais de alunos, gestores da escola, professores mais experientes e com os alunos como fatores de grande relevância na constituição da profissionalidade e da identidade profissional.

Ao discutirem quais os principais desafios enfrentados na prática docente cotidiana, as professoras iniciantes apontavam uma multiplicidade de aspectos: sentimentos de ansiedade e nervosismo no primeiro dia de aula; insegurança sobre a adequação ou inadequação das suas práticas; insatisfação ou satisfação com os resultados obtidos por algumas de suas ações; desejo de responder melhor às necessidades dos alunos; falta de referência para aperfeiçoar seu trabalho de sala de aula. (ANDRÉ, 2017; p.509)

Então, André (2017) denota que vários desafios são encontrados no cotidiano das escolas em sala de aula, professoras iniciantes chegam a campo, ansiosas e nervosas. Logo no primeiro dia, as inseguranças sobre sua prática docente afetam a busca por satisfação e por resultados, em prol de responder as necessidades de seus alunos, esbarrando na falta de referência para o aperfeiçoarem o seu trabalho. Fator esse que poderia ser evitado se durante a formação essas docentes tivessem vivenciado o estágio como pesquisa e reflexão para a sua própria formação.

É importante buscar durante os estágios vivenciarmos os desafios enfrentados por professores iniciantes em seu cotidiano, visando a uma formação investigativa com profissionais comprometidos e responsáveis pela sua própria formação, capazes de promover transformações.

Almeida e Pimenta (2015) avançam nas discussões sobre a importância da práxis docente e como o estágio supervisionado oferece novas possibilidades para a formação inicial e para a docência, promovendo a reflexão e a busca por uma didática de qualidade, esclarecendo o entendimento desta práxis, pois apontam o estágio como um campo de conhecimento e não apenas uma atividade prática instrumental porque interagem como campo social.

Almeida e Pimenta (2015) apontam também a importância de desenvolverem práticas educativas capazes de despertam interesses de estudiosos e pesquisadores na área (de estágio e educação), visando à incorporação futura de docentes críticos-reflexivos capazes de propor ações transformadoras e libertadoras como sujeitos coletivos no contexto escolar.

As autoras discutem as novas possibilidades de estágio supervisionado visando à qualidade de formação dos estudantes que almejam o futuro docente e como os estágios têm um papel importante, possibilitando aos estudantes verem a docência e, ao mesmo tempo, se verem como docentes.

Na visão das autoras, o estágio proporciona aos futuros professores produzirem seus conhecimentos pessoais e seus saberes, além de consolidar a construção do compromisso ético-profissional, por se constituir em um espaço e um tempo responsáveis por desencadear “(...) observações, problematizações, investigações, leituras, análises e formulações de novos conhecimentos essenciais à atuação docente.” (ALMEIDA e PIMENTA, 2015, p.11).

Almeida e Pimenta (2015), também analisam a importância do que é realizado na disciplina de Didática e a compreensão didática pedagógica sobre o ato de ensinar e aprender e o fato de alguns cursos excluírem a Didática do currículo, ou mesmo reduzirem aulas desta disciplina, contribuindo para a desqualificação profissional e educacional, propondo assim, uma recolocação da Didática no centro das discussões.

As autoras apontam a necessária compreensão da Didática em relação ao professor, aluno e o conhecimento e possibilidades de diferenciar o autoritarismo e autoridade e o entendimento da indisciplina sobre o viés da empatia entre professores, alunos e dirigentes da escola além do afeto e desenvolvimento pessoal.

Elas também evidenciam a colaboração e a flexibilidade como mobilizador dos saberes e contribui para a construção dos saberes durante a formação inicial, com o foco para o futuro professor e com a recolocação da Didática no centro das discussões.

Para Martins e Lucas (2015), as instituições superiores e as escolas básicas também necessitam de espaços de aprendizagens reflexivos para a construção de conhecimentos e de formação permanente de profissionais que estão sempre aprendendo quando ensinam. Para isso, docentes empregam a didática como instrumento facilitador da aprendizagem dos seus alunos, sendo ela o modo de ensinar determinado conteúdo com utilização de estratégias, para juntos construir o conhecimento.

A experimentação oportuniza conhecer melhor a área que se deseja atuar profissionalmente, visando uma educação infantil e fundamental de qualidade, preocupada com o bem-estar da criança e a nossa formação profissional, pois são conceitos interligados, quando se consegue oferecer uma educação de qualidade que promova a satisfação e o prazer do discente envolvido na atividade. Situações como essas indiscutivelmente contribuem para a formação de um docente mais sensível a estratégias de ensino e a Didática a ser empregada (MIZUKAMI, 2002).

Para Mizukami (2002), a formação de professores, apresenta alguns elementos problematizadores, como a qualidade do ensino público no Brasil e a pesquisa da aprendizagem da docência, ligando escolas e as universidades.

Podemos encontrar os caminhos da educação de qualidade no Brasil, segundo Gatti (2010), porém as dificuldades encontradas são muitas, mas é possível resolvê-las, levando em conta todos os desafios encontrados no estágio.

Ao investigar a formação inicial de professores e como acontece na realidade em campo, Martins e Lucas (2015) trazem ligações e reflexões entre a teoria e a prática, objetivando investigar o estágio e a aprendizagem de didática.

Acompanhar as professoras experientes na sala de aula da educação básica permite as alunas pesquisadoras tomarem contato com situações didáticas próprias da educação com crianças e das possibilidades de fazer o aluno avançar, favorecendo a reflexão acerca do que estão vivenciando. (MARTINS; LUCAS, 2015; p. 32545)

Martins e Lucas (2015) chamam a atenção para a importância do contato com professoras experientes e com situações reais da sala de aula na aprendizagem da docência, enfatizam que a aprendizagem de estratégias didáticas permite vivenciar a rotina escolar e agir de forma mais segura, possibilitando aos alunos no exercício da profissão docente que ao se verem inseridos em situações reais de resolução de problemas e desafios postos pela docência na relação com os alunos, consigam sentir que se prepararam adequadamente, possuindo o domínio do conteúdo a ser ensinado e com a promoção da aprendizagem da turma que estão lecionando.

Todos esses elementos auxiliam na compreensão de como se constitui essa identidade de professor reflexivo, que é crítico, questiona a prática e a repensa mesmo conhecendo seus desafios.

Os estudos correlatados apontam que a ideia de formação do professor reflexivo não é recente, mas que a sua efetivação no contexto da formação inicial ainda é modesta. Sinalizam que as atividades que tenham como base a pesquisa podem favorecer a formação do professor reflexivo, capaz de analisar o contexto escolar e a profissão docente de forma mais crítica, sendo capaz de se apropriar e recriar os conhecimentos profissionais, bem como de construir novos.

Nessa busca por construir conceitos, conhecimentos, estabelecer reflexões críticas, criar e recriar saberes partimos nesta pesquisa para uma segunda etapa de revisão bibliográfica que conforme mencionado anteriormente apoiou-se acerca do tema considerando o banco de teses e dissertações da Capes (últimos três anos), partindo das três palavras chave desta pesquisa:

“professor reflexivo; didática; estágio supervisionado”. Foram encontrados diversos estudos, porém após prévia seleção contamos com a contribuição de apenas nove desses, na busca por autores que também se interessaram por este tema, nos orientando sobre o que já foi pesquisado até o momento.

Pesquisa realizada por Arantes e Gebran (2014), intitulada “O curso de pedagogia e o processo de formação do pedagogo no Brasil: percurso histórico e marcos legais”, que teve como objetivo compreender o percurso histórico do curso de Pedagogia no Brasil pela via dos seus marcos legais, a saber: Decreto-Lei nº 1.190/1939; Parecer nº 251/1962; Parecer nº 252/1969 e Resolução CNE/CP nº 1/2006. Os autores abordam a compreensão da trajetória percorrida por pedagogos analisando como se dá sua formação em uma abordagem qualitativa. Os autores destacam questões como a falta de preparação didática e ainda falta de envolvimento dos alunos em pesquisa e extensão ao longo da formação e a falta de organização de projetos coletivos, além da articulação teoria e prática como fragilidades existentes na formação, ficando o estágio secundarizado. Os autores destacam ainda, que isso decorre de situações históricas que envolvem a constituição dos cursos de Pedagogia no Brasil que desde a sua constituição é desprezado.

O Curso de Pedagogia no Brasil foi concebido no contexto da criação das Faculdades de Filosofia, Ciência e Letras, em 1939, como consequência da preocupação com a formação de docentes para o curso normal. Desde a sua criação tem sido marcado pelas dicotomias entre professor e especialista, bacharelado e licenciatura, generalista e especialista, técnico em educação e professor. (ARANTES; GEBRAN, 2014, p.281.)

Arantes e Gebran (2014), explicam que desde a criação até os dias de hoje o pedagogo sofre com as incertezas sobre a sua função e o seu propósito, influenciando então no desenvolvimento da licenciatura em Pedagogia, sendo percebidas como cursos de segunda categoria.

O Parecer CFE nº. 252/69 e a Resolução CFE 2/69 tentaram definir de uma forma mais clara a função do Pedagogo, extinguindo o grau de bacharel, mantendo a formação de professores para o Ensino Normal e introduzindo oficialmente as habilitações para formar os especialistas responsáveis pelo trabalho de planejamento, supervisão, administração e orientação educacional. Porém entendemos que a identidade do pedagogo ficou mais fragilizada, uma vez que houve uma fragmentação do profissional diante das possibilidades das habilitações serem concluídas isoladamente umas das outras, além do fato de ser permitido a todos os licenciados, independente dos cursos, essa complementação pedagógica. (ARANTES; GEBRAN, 2014, p.293.)

Arantes e Gebran (2014) afirmam que essa fragmentação tornou ainda mais frágil a profissão do pedagogo já que todos licenciados poderiam ter essa complementação pedagógica e até mesmo a LDB 9394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia -

Resolução CNE/CP nº01 de 15 de maio de 2006, não contribuiu para a identidade do pedagogo, pois o foco estava na formação docente.

Diante desse vasto e contraditório campo de atuação do Pedagogo, percebemos que as legislações e diretrizes não foram suficientes para resolver os dilemas enfrentados em torno das especificidades da Pedagogia, assim como a função e atuação deste profissional, prevalecendo, portanto a indefinição da função do Pedagogo, fazendo necessário que questão da sua identidade seja trazida à continuidade do debate por meio das vias legais. (ARANTES; GEBRAN, 2014, p.293.)

Arantes e Gebran (2014) nos permitem refletir sobre os dilemas que cercam a constituição dos cursos de Pedagogia e os seus condicionantes, nos permitindo observar os reflexos do desprestígio ainda na sociedade atual e os desafios que enfrenta para na busca por uma formação docente comprometida com escola. O estágio aparece como um momento da formação ainda em processo de valorização e reelaboração de seus processos.

Araújo, Rodrigues e Aragão (2017) colaboram com essa pesquisa ao discutir a relação entre a pedagogia, a didática e a formação de professores iniciais ou continuados, focados no fazer docente e nas práticas pedagógicas, além das discussões sobre, a formação didático-pedagógica; pedagogia como ciência da educação; didática como campo teórico. A maioria das formações docentes não articulam pedagogia e didática, e por isso muitos docentes não conseguem construir saberes pedagógicos que serão necessários em sala de aula.

(...) A partir da incursão por suas obras compreendemos a pedagogia como a ciência da educação e, por isso, voltada para a práxis educativa. Logo, a pedagogia abarca e investiga o fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos, conteúdos e métodos da educação, procedimentos investigativos, dentre outros. Entendemos a didática como um conjunto teórico de estudos e pesquisas voltadas essencialmente para a fundamentação dos processos de ensino e aprendizagem, enquanto prática social, emancipatória e política. Daí cumpre destacar, em síntese, nossa compreensão de que uma formação docente articulada à pedagogia e à didática contribui para a formação de um professor que constrói e reconstrói a sua prática por meio da reflexão crítica de pensar a prática a partir da própria prática em suas múltiplas nuances. (ARAÚJO; RODRIGUES; ARAGÃO, 2017, p.217).

Os processos didáticos são essenciais para qualificação da docência, por isso a articulação entre pedagogia e didática permite a reconstrução da prática docente por meio de pensar a prática por reflexão crítica.

Araújo, Rodrigues e Aragão (2017) asseguram que a formação docente acontece articulando a pedagogia e a didática, formando um docente com reflexão crítica que constrói e reconstrói sua prática excluindo do professor a função de mero executor técnico e transmissor de conhecimentos.

E cabe a didática ser um ensino de prática social e que leve os professores para a construção de práticas transformadoras.

Assim, em linhas conclusivas, conforme o posicionamento que nos moveu nesta discussão, reiteramos aqui nossa compreensão que a pedagogia e a didática oferecem múltiplas escolhas teóricas e metodológicas a cada professor, por isso os mesmos podem se agarrar a elas e levá-las consigo no seu cotidiano pedagógico. Afinal de contas, a formação só faz sentido se o professor melhorar suas práticas a partir dos saberes apreendidos nessa formação. Daí a tese que a pedagogia e a da didática devem ocupar lugar de destaque na formação dos professores. (ARAÚJO; RODRIGUES; ARAGÃO, 2017, p.223).

Araújo, Rodrigues e Aragão (2017) afirmam que são poucas as literaturas que tratam sobre a relação entre a pedagogia, a didática e a formação de professores tanto a inicial como a contínua e muitas escolas brasileiras possuem professores sem a formação necessária na área de pedagogia e da didática, e por isso muitos docentes não compreendem as dimensões didático-pedagógicas do processo educativo, refletindo então nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos.

Esses autores trazem novos olhares para esta discussão, centrados na investigação de questões didático-pedagógicas das práticas docentes, sendo a qualidade do ensino uma das maiores buscas. São urgentes novos debates e investigações para enfrentar o desafio de se conseguir uma formação docente consolidada e com vínculos de fato com a pedagogia e a didática.

Para eles, a formação docente, a pedagogia e a didática são indissociáveis, e pedagogia e a didática apresentam conteúdos teóricos e metodológicos responsáveis por mudanças na escola devido a novas vivências e rico para a construção coletiva.

Figueiroa (2015) salienta que a formação de cidadãos se deve aos meios de conhecimentos e capacidades que os prepare para o trabalho, independentemente a qual seja. A formação inicial docente também necessita desta qualificação profissional para muni-los de práticas adequadas e renovadoras em suas aulas, contando com a ajuda de uma didática arrojada e a criação de uma comunidade de aprendizagem nos estágios em um trabalho experimental.

Figueiroa (2015) afirma que caso a formação inicial não tenha conseguido ser consistente devemos criar oportunidades de desenvolver competências para suprir estas necessidades, por isso se torna de grande importância à interação entre a comunidade escolar traduzida na criação de uma comunidade de aprendizagem formada por supervisores, estudantes ou futuros docentes e docentes profissionalizados.

De acordo com Figueiroa (2015), os professores são os principais mediadores durante o processo educativo, por isso é muito importante que se tenha “espaços” principalmente para professores iniciais onde possam se preparar para quando forem lecionar, tendo assim metodologias ativas participativas e recursos.

Tal qual nas afirmações de Figueiroa (2015), consideramos esses espaços como locais que serão responsáveis pelo diálogo e a troca de experiências, ajudando tanto o docente inicial como o docente experiente, podendo trocar estratégias para o desenvolvimento de práticas pedagógico-didáticas adequadas em prol de se tornarem os professores e/ou profissionais reflexivos uma vez que tenham que repensar suas práticas.

Figueiroa (2015) propõe novos caminhos para uma formação efetiva, sendo construída de forma coletiva onde não fica apenas na espera de uma formação de qualidade, vão, além disso, pois deixa claro que juntos podemos encontrar soluções para as dificuldades do dia a dia.

Melo, Silva e Almeida (2014) trazem outro olhar ao tratar os componentes curriculares do estágio supervisionado e a Didática nos cursos de pedagogia, com o objetivo de analisar como eles foram construídos historicamente sendo possível perceber que se modificaram ao longo do tempo assim como as mudanças ocorridas no curso de Pedagogia.

Melo Silva e Almeida (2014) mencionam a didática como um elemento curricular obrigatório de grande importância, pois ao ser articulada com os Estágios Supervisionados e nas vivências em sala de aula contribuía para a formação efetiva docente, supondo que primeiramente devia se aprender a teoria e posteriormente a prática.

Historicamente, o Estágio Supervisionado veio se constituindo como uma disciplina de final de curso sendo compreendida como a parte prática da formação de professores. A teoria, portanto, era desvinculada da prática e ocupava maior espaço nos programas das licenciaturas. Os sentidos construídos a despeito de como os professores deveriam ser formados se articulavam com a ideia de que primeiro era preciso deter um conhecimento para depois aplicá-lo, demonstrando o papel central que a teoria tinha (e ainda tem) na formação, uma teoria a qual desconsidera o movimento da prática. (MELO; SILVA; ALMEIDA, 2014, p.2).

Melo, Silva e Almeida (2014) dizem que as discussões sobre os componentes curriculares, o estágio supervisionado e a Didática fazem parte a muito tempo das inquietações profissionais que envolvem a educação em principal nos currículos dos cursos de Pedagogia. Mesmo estando sempre em discussão é muito importante produzir pesquisas sobre o Estágio e a Didática, pois houve a construção de novos sentidos, não só como espaço e técnica de aprendizagem, mas como local de

produção de conhecimento prático e teórico. Estágio e Didática formam novos dizeres em prol de retirar a indisposição da burocracia historicamente construída como o norteador da prática nos currículos dos cursos de Pedagogia. Devemos ter um olhar sobre a prática nos estágios de forma reflexiva, pois profissionais com esses olhares produzem conhecimentos científicos sobre o Estágio Curricular Supervisionado e a Didática:

Diante do que foi discutido é possível observar a emergência de novos dizeres sobre o Estágio Supervisionado e a Didática. Inicialmente vê-se nesses novos dizeres a inscrição da prática reflexiva como base dos sentidos atualmente construídos, aonde o curso de Pedagogia e em específico estes componentes curriculares seriam responsáveis pela formação de profissionais que pensem sobre sua prática e produzam conhecimento científico sobre ela, num profundo diálogo entre teoria e prática, duas dimensões que como nos diz Vázquez (1977) só abstratamente os sujeitos conseguiram separar. (MELO; SILVA; ALMEIDA, 2014, p.9).

Conforme dizem Melo, Silva e Almeida (2014), no estágio a produção de sentido não é linear, se cruzam podendo ser ressignificados, ou até considerados como originais ou novos, já a Didática que historicamente tinha o foco nas ações de ensinar, porém desconsiderava os demais componentes do processo de ensino-aprendizagem em seus contextos, voltando a ter significado.

Por isso, segundo Melo, Silva e Almeida (2014), devemos promover discussões a fim de proporcionar novos sentidos sobre o Estágio e a Didática que hoje aparecem em local privilegiado da aprendizagem profissional, colaborando com o professor por ser capaz ajuda-lo a pensar e repensar sua prática que é constantemente (re)construída, junto com a sua identidade profissional e seu conhecimento.

Os autores Moraes, Lima e Magalhães (2017) contribuem com esta pesquisa ao problematizar e articular a formação inicial docente e a pedagogia, que fundamenta as práticas e os saberes dando sentido a ação docente junto a didática, sendo de grande importância ao ser ofertado aos professores como uma formação interligada desses três conhecimentos para uma formação de qualidade.

Para Moraes, Lima e Magalhães (2017), a formação inicial dos professores deve instigar a construção do conhecimento e o desenvolvimento de uma prática pedagógica crítico-reflexiva sendo necessário aos professores conhecimentos nos campos pedagógicos e didáticos, trazendo contribuições tanto da Pedagogia quanto da Didática, pois a Pedagogia oferece a fundamentação das práticas docentes e a Didática contribui para a construção dos saberes pedagógicos, atribuindo proposições político-pedagógicas para as práticas docentes.

Cumpra ainda destacarmos, a título introdutório, que a valoração da pedagogia e da didática na formação inicial dos professores auxiliará os mesmos a compreenderem as especificidades do processo educativo, assim como para a formação de um professor capaz de construir saberes, entre eles, os saberes pedagógicos. (MORAES; LIMA; MAGALHÃES, 2017, p.565).

Segundo Moraes, Lima e Magalhães (2017), a formação docente é a responsável por levar os professores como sujeitos mobilizadores dos alunos para a construção do seu conhecimento. Para isso a Didática funciona como um instrumento teórico e prático na construção de aulas dinâmicas e interativas que atraiam os alunos para a escola, pois somente com o envolvimento no processo de ensino a aprendizagem se efetivará.

Moraes, Lima e Magalhães (2017) afirmam que a formação dos professores precisa estar ligada ao campo da Pedagogia, pois ela tem como função auxiliar os professores no entendimento do que acontece durante o fenômeno educativo. Nessa perspectiva, teremos professores com uma formação crítica e reflexiva, que contribua para a consolidação de uma educação de qualidade.

Para Rausch (2008), a formação inicial de professores é um tema muito polêmico, pois a maioria das universidades brasileiras ela acontece por uma perspectiva técnica. Surgiu então a perspectiva reflexiva e investigativa como alternativa que defende um professor formado com princípios de autonomia, crítica, reflexão e pesquisa.

No estágio alunos ainda em formação, podem ver a realidade escolar e desenvolver uma práxis criativa e transformadora podendo refletir sobre a prática docente formando profissionais de qualidade. Inúmeros desafios devem ser enfrentados levando em conta outros fatores que também influenciam na sua totalidade, pois a qualidade da educação brasileira passa por uma nova maneira de pensar e agir dos professores.

Entretanto, conforme Pimenta (1999), os cursos de formação inicial de professores ainda desenvolvem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágio distanciadas da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar. Destaca que esta formação, pouco tem contribuído para gerir uma nova identidade profissional docente. Pimenta e Lima (2004) ressaltam que o estágio que tem se desenvolvido nos cursos de formação de professores tem se caracterizado fundamentalmente por uma cultura tecnicista. Segue um modelo técnico e científico, baseado quase que exclusivamente no nível da informação, e tem como habilidade cognitiva básica a memória, a descrição dos dados e o relato da experiência como base do conhecimento. (RAUSCH, 2008, p. 11493).

Então, para Rausch (2008), o estágio é um elemento fundamental na formação profissional, sendo espaços privilegiados por formar docentes críticos-reflexivos para a constituição dos saberes

necessários, alicerçando-se principalmente na “autonomia; da crítica; da reflexividade e da pesquisa”.

Devemos discutir o estágio como lugar de reflexão e pesquisa da prática docente, onde se tenha o aprender contínuo, criando uma atitude de comprometimento:

Nesse sentido, buscamos promover um estágio em que a reflexão e a pesquisa sejam constantes e imbuídas de princípios que estimulem o pensar e o teorizar no fazer, a análise e a crítica, e tendo a leitura da própria prática como ponto de partida e de chegada. Com base nesse pressuposto, buscamos desenvolver uma formação em que o profissional/pedagogo tenha como objetivo constante, a investigação, o aprender contínuo, a pesquisa. E tenha como meta, também, a criação de uma atitude de compromisso, sendo co-responsável pela sua formação, criando e recriando a sua prática docente fundamentada em uma concepção emancipadora de ensinar e aprender. (RAUSCH, 2008, p. 11493,11494).

Rausch (2008) acredita no estágio com uma perspectiva reflexivo-investigativa, formando um profissional docente com a capacidade intelectual reflexivo/pesquisador construindo seus saberes docentes necessários para a compreensão da realidade educacional propondo alternativas pedagógicas que visem o bem estar comum para a escola.

Para Rausch (2008), o estagiário deve compreender o exercício da docência durante o estágio, pois é nele que o futuro professor deverá desenvolver a docência e se preparar para as práticas de ser e estar professor, tornando se capaz de questionar e refletir sobre a sua prática e seu contexto político e social no qual esta inserida.

Então, Ribeiro (2017) ao questionar qual o papel da disciplina de Didática na formação do pedagogo nos ajuda a perceber a concepção instrumental pela qual a Didática é vista, além de despolitizar o conhecimento didático instrumentalista por uma percepção ingênua do conhecimento. Restabelecendo a importância da Didática em várias dimensões promovendo discussões de modo a problematizar a didática sem neutralidades sobre o assunto.

O autor desenvolveu uma pesquisa em um curso privado presencial de Pedagogia de Belo Horizonte-MG, e grupos focais discutiram sobre como os graduandos veem a Didática. Após várias discussões, graduandos perceberam a importância do conhecimento Didático e como o Currículo e a Didática são complementares.

No entanto, o desafio de se superar a noção instrumental e despolitizada da Didática, do Currículo, sob a luz do conhecimento escolar, permanece. Por mais que se tenha décadas de produções acadêmicas na direção da superação do instrumentalismo, ainda assim pode-se perceber tais compreensões na formação de professores. Assim, é necessário que se

revigore a luta em busca da politização da Educação, desmascarando a sua pretensa neutralidade. (RIBEIRO, 2017, p.91).

Sobre isso, Ribeiro (2017) diz ser desafiador a mudança de concepção da didática no cenário da formação de professores buscando uma formação problematizadora que não se resuma em "como fazer" docente, mas em pesquisas e discussões feitas na tentativa de romper com esse paradigma, que também para Zaslavsky (2017) o que acontece é bem parecido.

Para Zaslavsky (2017), a ação pedagógica e a didática estão correlacionadas onde a didática é vista como disciplina que representa a pedagogia e devemos questionar as práticas sem reflexões de ambas. Muitos professores reclamam da abundância de teorias, porém repetem as mesmas práticas, assim como os pesquisadores acadêmicos da educação salientam a importância da reflexão teórica para transformar a prática.

Para Zaslavsky (2017) a Didática como disciplina surgiu antes da pedagogia, porém é muito difícil distingui-las. É fácil relacionar pedagogia, didática e método partindo de um senso comum social e educacional a tal ponto que se fique reduzido a uma concepção instrumental. Tendo uma ação pedagógica, no viés instrumental e o fim da ação comunicativa é o entendimento, enquanto o da ação instrumental é o êxito. A articulação de meios se adequam ao fim. Sendo muito importante associar a ação pedagógica e a ação comunicativa aproximando a didática contra o instrumental na tentativa de reformular o conceito sempre coordenado em ações pedagógicas usando um pano de fundo sociocultural, e uma didática articulada técnica e hermenêutica.

5- DA IMERSÃO NO ESTÁGIO À CONSTITUIÇÃO DE CONHECIMENTOS DIDÁTICOS: CAMINHOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO

Após as pesquisas bibliográficas correlatadas como ponto orientador desta pesquisa, partimos para a análise dos registros e relatórios reflexivos desenvolvidos pela autora deste estudo acerca do estágio realizado ao longo do curso de formação. Foram considerados os registros de observação em duas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ambas da rede estadual de uma cidade do interior de Minas Gerais. Sabemos que são duas escolas de diferentes realidades culturais, esta pesquisa amplia nosso olhar ao nos mostrar como agir em realidades diversas de culturas organizacionais escolares diferentes.

A partir das observações feitas durante o estágio obrigatório, foi possível estabelecer as diversas dimensões que envolvem o ambiente escolar, e como todas elas têm grande importância para a formação do futuro professor.

Nesta pesquisa nomeamos as escolas em A e B, e fazemos um comparativo não para apontar qual é a melhor ou a pior, mas sim para analisar nossas descobertas e aprendizagens durante esta caminhada como estudante no curso de Pedagogia.

A fim de estabelecer a reflexão e o diálogo sobre as aprendizagens decorrentes da passagem pelo estágio, às informações e dados foram agrupados nas seguintes categorias didáticas consideradas relevantes para a aprendizagem docente, são elas: A gestão do tempo; a organização da sala de aula; a relação com o Conhecimento; a relação entre professor e aluno, o planejamento e outras informações.

Todos esses pontos levantados possibilitaram encaminhamentos sobre as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado e da Didática para a consolidação de aprendizagens adquiridas e vivenciadas em sala de aula durante o período de estágio para a formação de um professor reflexivo e crítico, capaz de (re)pensar suas aprendizagens ainda no período de formação inicial docente.

5.1- Gestão do Tempo

Sabendo que a gestão do tempo é o ato de gerenciar o tempo de forma efetiva, sendo também um instrumento importante em prol da qualidade de ensino, pois, quando o tempo em sala de aula é adequadamente distribuído e planejado, conteúdos importantes não ficam sem ser ministrados, pois os imprevistos devem fazer parte do plano de ensino e ele por sua vez contempla a gestão do tempo.

Mas, essa gestão de tempo envolve para além da rotina, os sujeitos que estão envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

Os Tempos na escola são marcados pelo tempo de longa duração – a obrigatoriedade escolar, e pelo tempo de curta duração – o ano lectivo, a distribuição das disciplinas pela semana e os horários das aulas. Como nos alerta Escolano (1993), o tempo não é somente constitutivo da socialização da infância, mas uma ordem que se experimenta e se aprende na escola. De facto, a escola impõe hábitos de pontualidade, ordem e aproveitamento máximo do tempo – aprendizagens importantes para a vida adulta. (BISPO, 2010, p.19)

Na escola é muito grande a exigência sobre a boa gestão de tempo, como: a distribuição do ano letivo, o bimestre ou trimestre, o mês, a semana e o tempo de cada disciplina ministrada diariamente. O tempo também é um veículo socializador da infância, que ensina com experiências, criando hábitos como a pontualidade, ordem e aproveitamento do tempo servindo por toda a vida.

Durante as observações no estágio supervisionado em duas instituições distintas, as quais chamamos de A e B, foi possível perceber que na escola A as aulas eram divididas em tempos de 50 minutos, e os alunos seguiam uma escala de aula, então quando necessário era possível trocar o horário das disciplinas que seriam ministradas naquele dia, mas não o dia da sua ministração.

Na escola A todos os dias o tempo era distribuído assim: as crianças chegavam e seguiam para o pátio da escola onde elas se organizam em fila do maior para o menor aluno, uma fila para meninas e outra para meninos, um monitor escolhido previamente fazia a apresentação da turma para a professora.

Já na sala de aula, as crianças chegavam cantando músicas penduram as lancheiras e se sentavam nas carteiras que são compostas com uma ficha com o nome do aluno, do colégio e da professora, que são coladas com papel Contact, tornando assim, o lugar fixo para cada aluno.

Após se sentarem, as crianças começam a rotina do dia contando quantos meninos e quantas meninas estão presentes na aula naquele dia, a professora anota a quantidade de cada gênero e depois juntos somavam e a professora escrevia a quantidade na lousa de alunos presentes no dia.

Em seguida, a professora anotava no canto do quadro a ordem, o horário e a disciplina do dia que deveria ser ministrada, para assim conseguir planejar o tempo de forma efetiva. Sobre isso Durkheim (1992, citado por BISPO, 2010, p.19) menciona que:

(...) é a própria estrutura do Tempo escolar (a forma como o tempo é distribuído, os ritmos próprios das tarefas e aprendizagens) que faz com que a criança se submeta às regras escolares, ainda que sob um aspecto informal e sem que esta se aperceba. Temos aqui uma função social do Tempo na medida em que toda a estrutura de horários provoca uma homogeneidade entre os modos de actuar dos alunos e, por conseguinte, os torna mais obedientes às regras sociais.

Sabemos da importância da rotina e das regras escolares, e que muitas vezes são realizadas sem se perceber, mas mesmo assim, elas estabelecem uma função social do tempo, tornando os alunos obedientes às regras sociais.

Porém, durante minhas observações foi possível ver como é difícil estipular um tempo para cada conteúdo disciplinar e seguir o horário escolar, conforme, o pré-determinado pelo planejamento (cinquenta minutos para cada aula), pois a apostila utilizada pelos alunos apresenta algumas atividades com um nível maior de dificuldade, e por ser uma turma na fase de alfabetização, alguns exercícios se tornavam mais complicados e complexos. Conforme Veiga-Neto (2002, citado por Bispo, 2010, p.19) diz:

Veiga-Neto (2002) acrescenta um contributo interessante à perspectiva do Tempo Escolar, quando afirma que a escola foi dividida em tempos e espaços, determinados e estruturados, e que as crianças foram hierarquizadas dentro deles. Segundo o autor, os espaços e tempos fixos, próprios da Modernidade, levaram à homogeneização das turmas. Afinal, era preciso que todos estivessem num mesmo ponto de desenvolvimento para ocupar um determinado lugar num determinado tempo. O autor considera que é a espacialização do tempo, onde o tempo passou a ser redutível ao espaço e pensado em função do espaço. Ou seja, o tempo escolar seria estipulado de acordo com a função pretendida para cada espaço.

Para Bispo (2010), o tempo escolar é dividido em tempos e espaços estruturados e determinados onde os alunos são categorizados dentro dele, levando a igualização das turmas para que todos estivessem em um ponto de desenvolvimento comum, em um determinado lugar e tempo.

Já na escola B, foi possível perceber que o tempo também era dividido em aulas de 50 minutos, onde os alunos seguem uma tabela com os dias da semana e a ordem das disciplinas a serem ministradas, podendo algumas vezes trocar o horário da disciplina e até o dia.

Em uma passagem durante o estágio, foi possível perceber que os alunos da escola B, argumentaram com a professora que naquele dia constava em suas tabelas (com os dias da semana e a ordem das disciplinas) que deveriam ter aula de artes, porém isto não aconteceu, elas então ficaram bem chateadas e reclamaram bastante, pois ficaram o tempo todo copiando um texto da disciplina de português e isso não era justo. A professora justifica dizendo que não deu tempo de ministrar artes, pois ela precisava passar a matéria para a prova, pois era mais importante.

Assim como a escola A, a escola B também tem uma rotina, pois todos os dias as crianças chegam e seguem para a quadra da escola onde elas se organizam em fila, uma fila para meninas e outra para meninos, então no microfone a diretora dá os avisos, juntos eles cantam parabéns para os aniversariantes, o hino nacional e fazem uma oração. Depois disso, cada professora leva seus alunos para sua respectiva sala.

O tempo em sala de aula quando distribuído adequadamente não causa frustração, devemos estar atentos a isso, é muito desagradável não conseguir ministrar uma disciplina que foi programada anteriormente com os alunos, porém imprevistos acontecem e cabe ao professor considerar essa situação em seu planejamento para conseguir repor o que foi perdido com a ajuda de uma boa gestão do tempo.

Sobre isso podemos dizer que muitas crianças da escola B chegam atrasadas na sala de aula, mudam de lugares e até mesmo de carteiras, gastando mais de trinta minutos para se acomodarem

todos os dias e assim dar início as aulas. Elas colocam as mochilas atrás das cadeiras, se sentam e começam com a rotina do dia anotando o cabeçalho, que a professora passa no quadro.

Nesta passagem podemos constatar que na escola B, algumas disciplinas são consideradas mais importantes que outras e que a gestão do tempo não é feita de forma efetiva na sala de aula, pois se o tempo fosse bem distribuído e planejado pela escola B, ao invés de se perder meia hora todos os dias para dar início às aulas não precisaria deixar de ministrar nenhuma disciplina mantendo o horário curricular que foi planejado, pois segundo, Nóvoa (1992, p.27 citado por Bispo, 2010, p.19), a organização do tempo revela-se com uma das características para a eficácia das escolas.

Para o autor, uma escola de qualidade deverá ser capaz de otimizar o tempo disponível e tentar que essa gestão de tempo respeite os “ritmos próprios e o modo de organização interna de cada indivíduo” (p.27). Para tal, “os alunos devem dispor do máximo de tempo possível para aprender, no sentido amplo da palavra. As interrupções, as desarticulações curriculares e pedagógicas, a deficiente organização dos tempos e dos espaços, são factores que perturbam o funcionamento das escolas” (p.27). NÓVOA (1992, p.27 citado por BISPO, 2010, p.19).

Segundo Bispo (2010), para conseguir a eficácia, uma escola de qualidade deve aperfeiçoar o tempo utilizando ao máximo para que os alunos possam aprender sem interrupções e desarticulações curriculares e pedagógicas, pois essa falta de organização do tempo e dos espaços prejudica o andamento escolar, porém é visto na escola B.

5.2- Organização da Sala de Aula

A organização tem vários âmbitos, mas aqui iremos nos atentar sobre o ponto de vista da organização da sala de aula nas duas instituições A e B.

Segundo Oliveira, Libâneo e Toschi, (2017, p. 471, 472):

A segunda função do processo organizacional é a organização propriamente dita. Refere-se à racionalização do uso de recursos humanos, materiais, físicos, financeiros e informacionais e à eficácia na utilização desses recursos e meio de trabalho. A organização incide diretamente na efetividade do processo de ensino-aprendizagem, à medida que garante as condições de funcionamento da escola. Sua presença ou ausência interferem na qualidade das atividades de ensino. É necessário, portanto, que todos os aspectos da vida escolar sejam devidamente contemplados na organização geral da escola, ao longo de todo o ano letivo. A organização geral diz respeito: condições físicas, materiais, financeiras; sistema de assistência pedagógico-didático ao professor; serviços administrativos, de limpeza e conservação; horário escolar, matrícula, distribuição de alunos por classes; normas

disciplinares; contato com os pais etc. (OLIVEIRA; LIBÂNEO e TOSCHI, 2017, p. 471, 472).

Para Oliveira, Libâneo e Toschi (2017), a organização é um dos meios responsáveis pela eficácia dos procedimentos escolares, pois incide diretamente no processo de ensino e aprendizagem, ela garante o funcionamento da escola, interferindo na qualidade das atividades de ensino. Sendo por isso necessária a contemplação de todos os aspectos da organização geral.

Portanto, no que diz respeito à organização da sala de aula, na escola A, as carteiras eram colocadas em filas, a sala era espaçosa e iluminada e com cortinas coloridas. Possuía espaço suficiente para as carteiras e cadeiras dos vinte e três alunos e mais três carteiras e cadeiras vazias, uma mesa com cadeira para a professora, uma mesa grande no fundo da sala com jogos pedagógicos variados, um armário, uma prateleira onde ficavam guardados os livros e os cadernos que não estavam sendo usado no dia, um quadro negro, dois ventiladores, uma televisão, um DVD, um Datashow, um mural no fundo da sala, um varal com os trabalhos dos alunos, calendário, alfabeto, sacola de livrinhos, cartazes de combinado da turma, na parte externa, (pertencente à sala de aula) temos um mural de datas comemorativas e pinturas nas paredes de forma alegre e colorida.

A sala de aula na escola A, era um ambiente muito aconchegante, colorido e agradável, propiciando um clima gostoso para a convivência de todos, professora e alunos.

Com as observações, foi possível concluir que essa escola possuía uma ótima estrutura física, com os materiais e recursos pedagógicos necessários para facilitar a aprendizagem das crianças e que a professora é uma profissional comprometida e dedicada que não se limita a atividades pré-estabelecidas, estando sempre pesquisando e a procura de novos conhecimentos didáticos pedagógicos.

Segundo Goulart (2012) constata-se que existe uma cultura material escrita presente em objetos na sala de aula, que ora apenas compõem o ambiente, ora fazem parte das práticas de leitura e escrita realizadas pelo professor, gerando a necessidade de refletir sobre o quanto a dimensão estética do ambiente está vinculada à dimensão pedagógica e a formação do professor na caracterização do espaço de ensino.

A partir da observação e análise da coletânea de imagens, dos objetos escritos expostos, foi possível destacar um conjunto de materiais gráficos que os professores, independente de sua proposta metodológica ou da instituição escolar (pública/privada), elegem como prioridade para compor o espaço de uma sala de alfabetização: o alfabeto, os números, calendário, cartazes (nome dos alunos, ajudante do dia, palavras trabalhadas), painel de exposição de atividades dos alunos e ornamentação da sala. Uma observação

que possibilitou classificar tais materiais como ‘expressivo, interativo e decorativo (GOULART, 2010, p.09).

Diante dessas afirmações, entendemos que é de grande importância observar como este ambiente é composto e organizado, obtendo um melhor entendimento quanto ao uso de cada material e sua função na sala de aula deixando claro mais uma vez a importância da organização da sala de aula.

Já a escola B, a sala é pequena, e fica no segundo andar, tem uma iluminação boa, porém é muito quente e o ventilador não gira para refrescar a turma toda (fica sempre na mesma posição), as mesas e cadeiras são uma atrás da outra (em fila) e a maioria está estragada e fica vazias no fundo da sala, a professora senta-se em frente á turma em uma cadeira com mesa. Tem um quadro negro, um armário e duas janelas com cortinas, um cartaz com mensagens contra buling e outro com os combinados da turma, na janela uma rede de proteção, (toda furada) para as crianças não caírem.

A sala de aula daquela turma era um ambiente pouco decorado sem cartazes ou enfeites, dando um aspecto de seriedade para o ambiente, segundo os próprios alunos a sala não tinha enfeites nem cartazes porque a turma de contra turno (que revezava a sala de aula com a turma B) estragava tudo o que ficava na sala (fora do armário), coisa que não acontecia com a escola A, pois não revezavam a sala de aula com outra turma.

Também na escola B, as carteiras eram colocadas em filas como já foi mencionado, porém não existia local fixo para os alunos, cada dia eles se sentavam em um local diferente, além de trocarem de lugar, eles também trocavam as carteiras, perdendo cerca de trinta minutos para se organizarem em seus lugares.

5.3- Relação com o Conhecimento

Na escola A, a professora é preocupada com o conteúdo, então para complementar o material das apostilas, foi possível verificar que são oferecidas atividades xerocadas para os alunos como forma de auxílio à alfabetização, reforçando o que precisa ser trabalhado.

Além da apostila e trabalhos xerocados, também usam um material chamado: “A rua de A à Z”, o trabalho com o alfabeto e o som das palavras em forma de rima, auxiliando no reconhecimento do som das palavras.

Na sala de aula também tem alguns livros de histórias que ficam pendurados do lado dos numerais (na parede), porém não foi presenciada nenhuma atividade em que as crianças pudessem manuseá-los, durante o tempo das observações.

Dentro da sala de aula da escola A, não tem o cantinho de leitura, porém a escola tem uma biblioteca grande com uma área reservada apenas para as crianças que estão nesta fase de alfabetização, chamado: “Cantinho da Dirce”, em homenagem a uma antiga bibliotecária do daquela escola. Local este, recém-reformado onde as visitas são previamente programadas pelas professoras uma vez por semana para cada turma.

Segundo a professora, na escola A, no início do ano letivo elas se concentram em atividades de aquisição da leitura e escrita, deixando o trabalho com as malas de leitura para o final do primeiro semestre, momento em que as crianças começam entender melhor este processo e se sentem mais confiantes para recontarem as histórias.

Observei também que na escola A, a turma também tem aulas específicas com outros professores como de inglês, religião, biblioteca e informática que acontecem uma vez por semana e a de educação física que acontece duas vezes por semana, foi possível acompanhar algumas dessas aulas como a de inglês e de informática que são aulas extremamente prazerosas para as crianças.

Já escola B, a aula de biblioteca quase nunca acontecia, a professora dizia que isso era porque a bibliotecária estava sempre ocupada, pois era responsável pelo Xerox da escola e vivia sobrecarregada nunca ia buscar os alunos para a aula de biblioteca, e quando a professora mandava perguntar se podia leva-los ela dizia que não dava para atendê-los. Então, no dia de biblioteca os alunos ficavam na sala de aula e a professora dava aula de português em substituição.

Segundo Moraes, Lima e Magalhães (2017):

Pensar sobre as possibilidades que têm a Pedagogia e a Didática de colaborarem para a construção de espaços pedagógicos prazerosos, criativos e interativos para cativar os discentes é ao mesmo tempo buscar subsídios para tornar a escola um lugar de construção do conhecimento partilhado entre docentes e discentes. Entretanto, o professor necessita de uma formação pedagógica que lhe torne um sujeito capaz de dialogar com as circunstâncias postas pela prática docente. Uma formação pedagógica que o permita construir práticas conforme as reais necessidades dos discentes e, desse modo, envolvê-los nos processos de ensino e aprendizagem, é necessária. Nesta perspectiva, compreendemos que a formação docente deve levar os professores a serem sujeitos capazes de mobilizar os alunos para a construção do conhecimento a partir de uma educação problematizadora, democrática e equânime. (MORAES; LIMA; MAGALHÃES, 2017, p.565).

Quando usamos a Pedagogia e a Didática como instrumentos interativos e criativos, a educação se torna prazerosa. Para Moraes Lima e Magalhães (2017) como professores, devemos usar esses instrumentos como forma de cativar nossos alunos e assim construir o conhecimento junto á eles.

Como docentes, nos cabe dialogar com as circunstâncias e construir nossa prática com a real necessidade dos discentes, capazes de mobilizar nossos alunos para a construção do conhecimento em uma educação problematizadora, democrática e equânime, talvez esta fosse uma forma de colocar os alunos da escola B, mais envolvidos com os problemas da escola e buscando meios para solucioná-los. Pensamos que o diálogo claro, com relatos de todos os problemas abriria a porta até mesmo para a comunidade escolar.

Na escola B, professora também é comprometida e dedicada e complementa o material dos livros didáticos com atividades xerocadas, reforçando o que precisa ser trabalhado. Tendo na sala de aula alguns livros de histórias que ficam dentro do armário para que os alunos que terminam as atividades fiquem lendo até dar início à atividade seguinte, porém não funciona muito bem porque os alunos ficam brincando ao invés de ler.

Assim como a escola A, a escola B também não tinha nenhum projeto de leitura, e quanto às aulas específicas a escola B, oferece a de educação física que acontece duas vezes por semana. Porém no contra turno a escola B, oferece aos alunos um projeto de escola integral com reforço escolar, lanche, brincadeiras e diversos outros projetos desenvolvidos como forma de estratégias com a ajuda dos alunos para resolver alguns problemas daquela comunidade escolar. Então podemos refletir sobre as palavras de Gadotti (2003), quando ele diz que:

A educação do futuro deverá se aproximar mais dos “aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos”. Isso implica novos saberes, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisa, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas, etc. (GADOTTI, 2003, p.25)

Levamos em consideração que para se ter uma educação que abranja todos esses aspectos: éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, e emocionais é trabalhoso e para que isso aconteça, é preciso que como profissionais saibamos planejar e desenvolver estratégias e assim aplicá-las.

Diversas áreas devem ser estimuladas para que as crianças possam desenvolverem as habilidades que necessitam, e por isso começamos do simples para o complexo, sempre interagindo com adultos e crianças.

5.4- Relação entre Professor e Aluno

Na escola A, a professora é exigente e trata as crianças com muita seriedade, são alunos das séries iniciais do ensino fundamental, talvez pudesse ser um ambiente mais amoroso e menos tenso, mas as crianças a respeitam muito.

A experiência de estar em sala de aula podendo introduzir nossos conhecimentos possibilita um preparo maior para o exercício de nossa prática, nos traz um olhar mais amplo e revelador, as atividades desenvolvidas e os aspectos pedagógicos- educacional que a envolve, a fim de nos preparar também criticamente para a prática profissional. Segundo Libâneo (2001, p.2) “(...) A sala de aula é o lugar compartilhamento e troca de significados entre o professor e os alunos e entre os alunos”.

A professora da escola A é muito dedicada e responsável. Foi possível constatar a preocupação dela com a qualidade da educação, o respeito e carinho com que tratava cada aluno. Ao vivenciar durante o estágio a experiência no âmbito escolar, também ofereceu um novo olhar sobre o ensino, e quando temos a oportunidade de ver mais de perto a sua rotina constatamos que não se trata de um ambiente ríspido, mas que em muitos momentos podemos ver sensibilidade ao tratar com o outro.

Na escola B, os professores em geral se relacionam muito bem entre si e com os alunos, porém, em alguns momentos, observamos alunos que respondem mal à professora, no intuito de desafiá-la e desobedecê-la.

Em um episódio, dois alunos brigaram de murros e chutes e a professora pediu para a supervisora ir até a sua sala, pois os alunos não a respeitavam. Era uma professora muito calma e deixava tudo correr sem a mínima organização e para evitar as conversas paralelas da turma, a tática dela era anotar os nomes dos alunos no canto direito do quadro para deixá-los sem recreio ou sem educação física, porém não cumpria. Não devo desconsiderar os demais acontecimentos do estágio, que, ao meu ponto de vista, influenciaram de certa forma em algumas atitudes dos alunos, como por exemplo, o fato da professora anotar no canto esquerdo do quadro o nome dos alunos desobedientes para ficar sem recreio ou educação física, porém durante todo meu estágio nesta escola somente um dia eu a vi deixá-los sem educação física.

Pensamos que a turma estava esperando uma atitude da professora que infelizmente deixava os alunos sem controle ou direcionamento.

De acordo com a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996), o professor também educa com exemplos e quando a professora anota o nome no quadro para deixar as crianças sem recreio ou educação física e não cumpre o que falou, está ensinando aos alunos a descumprir os combinados ou a não cumprir com a palavra, talvez por isso, eles não a respeite.

Não concordamos em tirar o recreio ou a educação física das crianças, mas se ela disse que iria tirar, ela teria que fazer. E foi exatamente por isso que eles obedeceram à supervisora que cumpre o que fala e conversa com eles de forma firme, e só foram para a sala dela quando ela foi buscá-los.

Além deste episódio específico de violência, na escola B, infelizmente observamos vários outros, porém, este foi o mais marcante por ter ocorrido logo no primeiro dia do estágio. Sobre a violência na escola, Santos (2016) explica:

Nos últimos anos, com a crescente nos índices de violência escolar, a preocupação com a violência nas escolas aumentou e tornou-se questionável a ideia de que as origens do fenômeno estivessem somente fora dos muros escolares (ABRAMOVAY e RUA, 2002), exigindo estudos mais aprofundados sobre as causas intraescolares da violência, assim como políticas públicas que tentassem sanar esse agravante. (SANTOS, 2016, p.19).

Como professores que seremos, devemos tentar descobrir aonde podem estar às causas da violência, podendo ser além dos muros da escola, mas em outros casos o simples ato de conduzir a aula pode ajudar o professor para que algumas situações não aconteçam. Sobre isso André (2017) nos fala:

Nota-se assim, que as interações que se estabelecem entre professor e aluno na escola e na sala de aula não só revelam as formas com que o ensino e a aprendizagem ocorrem, como também nos permite avançar na ideia de que a qualidade dessas relações é de grande importância não só para a reflexão acerca da prática pedagógica como também para os processos de constituição da profissionalidade docente. (ANDRÉ, 2017, p.518).

Para André (2017), o relacionamento entre professor e aluno na sala de aula vai além do ensino e aprendizagem, pois nós permitem perceber que a qualidade dessas relações são de grande importância por trazer uma reflexão sobre a prática pedagógica e os processos para a constituição da profissionalidade docente, ou seja, a aprendizagem também depende de uma boa relação entre professor e aluno e de como o docente se coloca em sala de aula.

5.5- Planejamento.

Na escola A, seguem um material formatado, mas a professora faz um planejamento semanal que é revisto por ela a cada dia, ou até dois dias.

Apesar de ter um material que já vem formatado (apostila), ao fazer o planejamento semanal possibilita a professora rever o que deve ser trabalhado com maior intensidade com as crianças. Reforçando a aprendizagem e a aquisição efetiva do conhecimento. Segundo Gadotti (2003, p.27) “A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos “lecionar” – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor.” Por isso, buscamos respeitar a infância, proporcionando uma prática em que a criança se sinta à vontade para realizar, e que de alguma forma faça parte do seu desenvolvimento. A atividade proporcionou uma experiência muito válida, fazendo pensar e repensar a prática pedagógica, tornando bem clara a contribuição que essa prática proporciona, pois por meio dela, o discente de pedagogia pode refletir e identificar novas estratégias de ensino pensando na criança e suas especificidades.

Para além da utilização dos saberes para as práticas sociais, Libâneo, 2001 fala sobre um saber com o objetivo de ensino para o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos com a assimilação consciente e ativa dos conteúdos, ou seja, para que a assimilação realmente aconteça e se consolide ela deve acontecer de forma ativa em seus atos.

Na perspectiva histórico-social, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos. O professor, na sala de aula, utiliza-se dos conteúdos da matéria para ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades de observar a realidade, perceber as propriedades e características do objeto de estudo, estabelecer relações entre um conhecimento e outro, adquirir métodos de raciocínio, capacidade de pensar por si próprios, fazer comparações entre fatos e acontecimentos, formar conceitos para lidar com eles no dia-a-dia de modo que sejam instrumentos mentais para aplicá-los em situações da vida prática. (LIBÂNEO, 2001, p. 02).

Para Libâneo (2001) cabe ao professor desenvolver competências e habilidades de observar a realidade e ter a sensibilidade para perceber e estabelecer relações entre um conhecimento e outro para aplicá-lo no dia-a-dia.

Na escola B, o planejamento é feito diariamente em um caderno onde a professora anota como as aulas acontecerão.

Os horários vagos, assim como a professora da escola A, também eram utilizados pela professora da escola B, para colocar o plano de aula em dia, para a correção de provas e demais atividades. Nas duas escolas as aulas são planejadas e passam pela avaliação da supervisora.

Ambas as professoras possuem o plano de aula com conteúdos organizados de forma dinâmica com começo, meio e fim. Para André (2017):

As principais tarefas a serem enfrentadas pelos iniciantes, segundo Marcelo Garcia (2011, p. 9) são: procurar conhecer os estudantes, o currículo e o contexto escolar; planejar adequadamente o currículo e o ensino; começar a desenvolver um repertório docente que lhes permita sobreviver como professores; criar uma comunidade de aprendizagem na classe; e continuar desenvolvendo uma identidade profissional. São múltiplas as tarefas. Neste sentido, torna-se essencial o desenvolvimento de programas de inserção, que incluam estratégias de apoio, acompanhamento, e capacitação, que podem tanto ajudar a amenizar o peso dessas tarefas, quanto despertar nos iniciantes, a necessidade de envolver-se em uma dinâmica de autoformação e de participação em projetos formativos, tendo em mente um processo contínuo de desenvolvimento profissional. (ANDRÉ, 2017, p. 507)

Sabemos que são muitas as tarefas dos professores conhecer os estudantes, o contexto escolar, planejar adequadamente o currículo e o ensino, desenvolver sua identidade profissional e as aprendizagens dos alunos, por isso o planejamento é o instrumento capaz de ajudar na junção de todas essas tarefas sem se tornarem algo impossível de ser concretizado.

5.6- Outras Informações

Na escola A, a turma não é muito grande tem apenas 23 alunos sendo 8 meninas e 15 meninos, porém é uma turma tranquila e obediente, não só por ser pequena, mas por ter receio de tratar em alguns momentos com a professora por ela ser muito rígida. Durante o estágio na escola A, foi possível acompanhar um pouco do dia-a-dia da escola e suas estratégias visando à qualidade e o bom desenvolvimento do trabalho coletivo na escola, permitindo assim conhecer uma das muitas ações do pedagogo e pensar em algo que pudesse contribuir com a melhoria do trabalho escolar, fazendo pensar e repensar a prática pedagógica, tornando clara a contribuição da experiência do estágio, pois, por meio dele, o aluno pode refletir e identificar novas estratégias para solucionar problemas que talvez não imaginasse que fosse encontrar profissionalmente.

Na escola B a turma também é pequena com 23 alunos sendo 8 meninas e 15 meninos, porém é uma turma extremamente agitada, falantes e brigam muito.

Com as observações na escola B, notamos que desenvolve projetos interdisciplinares e projetos extras turnos, estreitando o laço entre escola e comunidade escolar. Esses projetos são desenvolvidos por causa da violência que é muito presente na escola, observamos várias brigas com chutes e murros entre alunos.

Presenciamos a organização dos momentos de interação entre professores, escola e comunidade em um sábado letivo, com a escola se preocupando com a recepção das famílias.

Chamou muito a atenção na escola B, foi à falta de material dos alunos. Todos os dias, pelo menos cinco crianças não têm nem se quer um lápis de escrever e uma borracha, então pedem para a professora ou buscam na coordenadoria da escola.

Os alunos da escola B são tão agitados que nem em atividades divertidas conseguem aproveitar, pois a bagunça é tanta que ao invés de se divertirem, eles se cansam.

Mesmo sendo uma turma relativamente pequena, o posicionamento do professor em sala de aula é muito importante, pois devido ao seu modo de conduzir as aulas e de cobrar o material para suas aulas influencia diretamente no comportamento dos alunos. Além da violência entre as crianças, a agitação, as conversas, os gritos e a falta de respeito com a professora chamam a nossa atenção. A este respeito Nono e Mizukami (2002), esclarecem que:

Cada caso oferece um fórum para apresentação e exame crítico de princípios teóricos e abordagens alternativas, levando em consideração os limites e as complexidades da situação de sala de aula. [...] Eles oferecem oportunidades para que professores e seus estudantes testem seu conhecimento de teoria com a prática. Algumas vezes, princípios devem ser adaptados e novas regras inventadas, para que se possa compreender as complexidades das situações de sala de aula e dos episódios de ensino. (Shulman, 1990, p.76, citado por NONO; MIZUKAMI, 2002, p. 75).

Por isso, olhando criticamente o estágio sabemos que é de suma importância utilizar da teoria para esclarecer dúvidas e questionamentos que ocorrem durante as observações.

São importantes projetos elaborados pela escola unindo família e comunidade escolar, ser um professor que ensine com exemplos, ser firme e amoroso, e elaborar planos de aula que aborde situações onde as crianças sejam capazes de conhecer seus sentimentos e compreender a importância do carinho, da amizade e do respeito.

Ser um professor consciente que norteia a turma e não somente aquele que diz retirar a vez do aluno e nunca cumprir. Enxergar as dificuldades da escola em relação à realidade é um avanço, principalmente quando é feito com a participação de todos. Temos que nos atentarmos à evasão escolar, a repetência, a realidade socioeconômica da comunidade e tudo o que a caracteriza, ficando isto bem claro quando usamos de exemplo ao confrontarmos a lógica da mídia sedutora que nos leva a não reflexão sobre diversos processos.

Os desafios são grandes, mas nós como futuros docentes temos que ter a compreensão de que é possível uma prática pedagógica responsável e intencional, sempre estudando e nos preparando.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos evidências de que o Estágio Curricular Supervisionado é um instrumento de grande importância para a constituição do profissional docente e que ao pesquisar e levantar possibilidades de encaminhamento sobre as questões específicas que aparecem durante a prática de Estágio são consolidadas as aprendizagens de futuros profissionais em educação.

Foi visível como um trabalho de estágio de forma consciente é capaz de mudar a maneira de pensar de estudantes no percurso da graduação ao se verem como docentes tendo que resolver problemas do dia a dia, fazendo assim que desenvolvessem neles uma postura reflexiva, com as contribuições da Didática, que como já foi dito é um instrumento usado pela pedagogia capaz de orientar as atividades educativas, tornando o trabalho docente mais efetivo.

O Estágio Curricular Supervisionado é uma das exigências contidas no currículo para a formação em diversas licenciaturas, mas o questionamento que se faz é que se ele realmente é feito como instrumento de aprendizagem docente ou apenas disciplina obrigatória pela qual se deve preencher um relatório e entregar na data combinada sem uma reflexão sobre o que aconteceu durante este período em que se vivenciou a rotina da escola ofertando discussões e leituras como forma de orientação para os discentes sobre o que estão vendo durante os estágios.

Vários autores mencionados nesta pesquisa como Almeida e Pimenta (2015), André (2017), Gatti (2010), Lucas e Martins (2015), Mizukami (2002) e diversos outros já escreveram sobre a formação inicial, o Estágio e a Didática e o quanto são importantes para a formação, porém a discussão que se deve ter é sobre como são feitos esses estágios, pois eles devem ser significativos, não apenas relatando fatos que aconteceram nos relatórios de estágios obrigatórios, mas levantando formas de solucionar problemas que aparecem todos os dias na escola em forma de investigação e pesquisa.

Daí a importância do estágio como forma de pesquisa de observações vivenciadas, promovendo aos estagiários uma postura de habilidade investigativa a partir de situações apresentadas, elaborando formas que permitam compreender e problematizar o que está acontecendo no ambiente escolar.

Sabemos que é possível, porém é trabalhoso, porque demanda reflexão crítica, análise da prática, e quando identificadas situações que precisem de uma intervenção pedagógica diferente da que foi tomada pela escola para resolver algum problema na ocasião do estágio, os discente são capazes de perceberem os fenômenos que cercam a prática docente e a importância da relação teoria e prática estarem sempre juntas.

A vivência em sala de aula durante o período de estágio é enriquecedor e promove a formação de um professor reflexivo, crítico, didático e investigador já no período de formação inicial.

Podemos notar que esta pesquisa conseguiu investigar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado e da Didática para a formação do professor reflexivo, no período de formação inicial, analisando a prática pedagógica de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental à luz da Didática conseguindo identificar os desafios de uma aluna, futura pedagoga, em situação de estágio para compreender as contribuições do estágio para a formação do professor reflexivo.

Esta aluna, futura pedagoga em situação de estágio conseguiu com esta pesquisa enxergar as contribuições de um estágio investigativo, pois ao tentar desvendar possibilidade de intervenção como análise e não como instrumento de interferência na organização da escola a estagiária fez um exercício de formação crítica podendo estimular a prática da reflexão em seus atos, após a sua formação docente tornando se assim um professor reflexivo capaz de pensar e repensar a sua prática.

Segundo André (2017), precisamos conhecer mais sobre os anos iniciais da docência e como se constitui a profissionalidade docente durante as suas experiências iniciais sabendo que diversos fatores influenciam nas condições de valores, de trabalho, de crenças da cultura profissional e da dimensão coletiva e individual considerando os elementos subjetivos da constituição da docência. Este autor diz que a docência “Requer ainda, a compreensão de que enquanto sujeito essencialmente social, o docente é afetado pela instabilidade e ambiguidade presentes nos ambientes de trabalho e na atividade profissional que realiza”. Ser professor requer levar em consideração fatores internos e externos para a sua constituição profissional.

A análise do conteúdo dos depoimentos das professoras iniciantes denota que, frente aos desafios postos pelo dia a dia da sala de aula e da escola, elas se dão conta de que além dos conhecimentos e habilidades adquiridas nos cursos de formação inicial, novos saberes e aprendizagens são requeridos no

início da docência, os quais, muitas vezes são indevidamente explorados ou pouco discutidos ao longo da formação inicial. André (2017, p. 519).

Os desafios encontrados na escola são grandes e por isso devemos ter conhecimentos e habilidades adquiridas ainda nos cursos de formação inicial, onde são adquiridos aprendizagens e saberes, porém sabemos que pouco discutido e explorados em várias ocasiões, daí a necessidade de pensar o Estágio Curricular Supervisionado como um aliado á aprendizagem e não como disciplina obrigatória a ser cumprida.

Para Arantes e Gebran (2014), ser um bom professor é mais do que domínio de conhecimentos, exige outras competências como concepções de ensino, aprendizagem, avaliação e formação, em um movimento de formação permanente, durante toda a sua formação perpassando a formação continuada e a sua prática docente.

O estágio é uma experiência que deve ser vivida de forma efetiva na tentativa de serem exploradas várias possibilidades, no intuito de despertar interesse e curiosidades a serem desvendadas com pesquisa, interação entre teoria e prática com possibilidades de intervenções pedagógicas ou projetos para os problemas apresentados durante as observações.

7- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios supervisionados na formação docente**. Cortez Editora, 2014.

ANDRÉ, Marli et al. **O papel do outro na constituição da profissionalidade de professoras iniciantes** (The role of the other in the constitution of the professionalism of beginning teacher). Revista Eletrônica de Educação, v. 11, n. 2, p. 505-520, 2017.

ARANTES, Ana Paula Pereira; GEBRAN, Raimunda Abou. **Ensino Superior: trajetórias e saberes docentes**. In: Colloquium Humanarum. 2013. p. 79-91.

ARANTES, Ana Paula Pereira; GEBRAN, Raimunda Abou. **O curso de pedagogia e o processo de formação do pedagogo no Brasil: percurso histórico e marcos legais**. HOLOS, v. 6, 2014.

ARAÚJO, Osmar Hélio; RODRIGUES, Janine Marta Coelho; ARAGÃO, Wilson Honorato. **O (des) lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores**. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 215-226, 2017.

- BISPO, Vila do. A Gestão de Tempo dos Alunos–Percepções dos Alunos do Ensino Básico. Estudo de um Agrupamento Vertical–Agrupamento de Escolas de. 2009. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE DO ALGARVE.GATTI, Bernardete A. **Formação de professores no Brasil: características e problemas.** Educação & Sociedade, v. 31, n. 113, 2010.
- FIGUEIROA, Alcina Maria da Silva Mota. **Formação inicial de docentes–componente base da formação docente.** Saber & Educar, n. 20, p. 234-243, 2015.
- FREIRE, Paulo. Prefácio. Pedagogia da autonomia. 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **A formação docente e a constituição de um espaço de ensino 5.º Seminário Nacional: O Professor e a Leitura do Jornal.** UNICAMP, Campinas, 2010.
- HECK, Miriam Ferrazza. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária.** # Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 7, n. 1, 2018.
- LIBÂNEO, José Carlos. **O essencial da didática e o trabalho de professor–em busca de novos caminhos.** PUC-GO: Goiânia, 2001.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Em Aberto, v. 5, n. 31, 2011.
- MARTINS, F. P.LUCAS, M. A. **O Projeto Bolsa Alfabetização: contribuições para a iniciação à docência na visão de alunas pesquisadoras e professoras orientadoras.** In: EDUCERE, 2015, Curitiba. Anais EDUCERE, 2015.
- MARTINS, Ronei Ximenes. **Metodologia de pesquisa: guia prático com ênfase em Educação Ambiental.** Lavras: UFLA, 2015.
- MELO, Maria Julia Carvalho de; SILVA, Maria Angélica da; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de. **A construção histórica de sentidos sobre estágio supervisionado e didática nos cursos de pedagogia: uma análise a partir das produções teóricas.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 9, n. 1, 2014.
- MORAES, Cloves Santos de; LIMA, Cícera Janaína Rodrigues; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva. **A formação inicial dos professores, a pedagogia e a didática em uma perspectiva dialógica.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 563-574, 2017.
- OLIVEIRA, João Ferreira de; LIBÂNEO, José Carlos; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** Cortez Editora, 2017.

RAUSCH, Rita Buzzi. **Formação do professor reflexivo-pesquisador por meio do estágio na Pedagogia.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2008.

RIBEIRO, Márden Pádua. **Percepção de discentes de um curso de Pedagogia em relação à didática:** marcas da despolitização. Revista Espaço Acadêmico, v. 17, n. 195, p. 82-92.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária.** Cortez Editora, 2015.

ZASLAVSKY, Alexandre. **Ação pedagógica, ação comunicativa e Didática.** CONJECTURA: filosofia e educação, v. 22, n. 1, p. 69-81, 2017.

8- ANEXO

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

RETIRADO DO PORTAL DA CAPES					
TÍTULO E INSTITUIÇÃO	AUTOR/ES E ANO DE PUBLICAÇÃO	RESUMO	PALAVRAS CHAVE	REFLEXÃO	REFERÊNCIA
1 Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)	A. P. P. ARANTES e R. A. GEBRAN. HOLOS, Ano 30, Vol. 6/ 2014	Este estudo tem como objetivo compreender o percurso histórico do curso de Pedagogia no Brasil pela via dos seus marcos legais, a partir do ano de 1939 até os dias atuais. A pesquisa caracteriza-se por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Foram analisadas as quatro principais regulamentações do curso de Pedagogia, a saber: Decreto-Lei nº 1.190/1939; Parecer nº 251/1962; Parecer nº 252/1969 e Resolução CNE/CP nº 1/2006. A partir das análises destes marcos legais percebemos que houve, desde a criação do curso de Pedagogia até hoje, uma incerteza sobre o propósito e a função do pedagogo, o que influenciou o desenvolvimento da licenciatura em Pedagogia, fazendo com que esta ocupasse um lugar periférico no contexto das licenciaturas, porque eram percebidas como cursos de segunda categoria. Diante desse vasto e contraditório campo de atuação desse profissional, questionamos: o que é realmente ser pedagogo?	Legislação Educacional, Curso de Pedagogia, Formação do Pedagogo.	Este artigo colabora ao mostrar o percurso da pedagogia no Brasil e seus marcos legais em uma pesquisa bibliográfica, as incertezas da pedagogia e o porquê de ser um curso visto como de segunda categoria e o que é realmente ser pedagogo? Compreendendo isto podemos entender também a formação inicial docente, a didática e os estágios, que são abordados em minha pesquisa.	ARANTES, Ana Paula Pereira; GEBRAN, Raimunda Abou. O curso de pedagogia e o processo de formação do pedagogo no Brasil: percurso histórico e marcos legais. HOLOS , v. 6, 2014.
2 Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE	Ana Paula Pereira Arantes, Raimunda Abou Gebran. Publicado em: Colloquium Humanarum, 01 December 2012, Vol.9(2), pp.79-91	Esta pesquisa teve como objetivo compreender a trajetória e os saberes dos professores atuantes no curso de Pedagogia em uma instituição privada (faculdade), analisando a sua formação, suas concepções sobre educação, influências sofridas e experiências vividas, a fim de traçar um perfil do professor atuante no curso de Pedagogia. A pesquisa se desenvolveu na abordagem qualitativa. Os procedimentos de pesquisa que viabilizaram a consecução do objetivo pretendido foram: aplicação de questionários, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas. Participaram da pesquisa professores do Curso de Pedagogia de uma instituição privada do interior de Minas Gerais. Os docentes participantes da pesquisa (06) foram selecionados por núcleo de formação no qual está estruturada a matriz curricular do curso: estudos básicos, aprofundamento e estudos integradores. Selecionamos, por sorteio, dois docentes de cada núcleo, que possuíam mais de um ano de atuação docente no curso de Pedagogia e concordaram em participar de forma anônima da pesquisa. A análise dos dados coletados revelou aspectos significativos no tocante à sua formação e atuação, a saber: ausência de formação e preparação didática para a docência no ensino superior, privilégio do ensino e pouco envolvimento dos docentes com atividades de pesquisa e a extensão, predominância de aulas expositivas e falta organização e desenvolvimento de projetos coletivos e interdisciplinares. O ensinar envolve um arcabouço de saberes que influenciam na própria ação docente. Isso remete à compreensão de que o trabalho docente se concretiza por meio da práxis, na relação teoria e prática referendada na reflexividade (ação-reflexão-ação).	Curso de Pedagogia. Trajetórias e saberes docentes.	Este artigo ajuda na compreensão da trajetória percorrida por pedagogos analisando como se dá sua formação em uma abordagem qualitativa por pesquisas. Com as análises contidas nesta pesquisa pode ser considerado falta de preparação em didática, falta de envolvimento do alunos em pesquisa e extensão a falta de organização de projetos coletivos etc. A compreensão da práxis para a formação.	ARANTES, Ana Paula Pereira; GEBRAN, Raimunda Abou. Ensino Superior: trajetórias e saberes docentes. In: Colloquium Humanarum . 2013. p. 79-91.

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

<p>A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE SENTIDOS SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DIDÁTICA NOS CURSOS DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRODUÇÕES TEÓRICAS</p> <p>3</p> <p>UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA)</p>	<p>Maria Julia Carvalho de Melo ; Maria Angélica Da Silva ; Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida</p> <p>Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 01 April 2014, Vol.9(1), pp.60-70</p>	<p>Este trabalho trata-se de uma análise a partir de uma revisão bibliográfica a despeito dos componentes curriculares Estágio Supervisionado e Didática no curso de Pedagogia. Sendo assim, ele se inscreve no âmbito das discussões do grupo de pesquisa Discursos e Práticas Educacionais, e apresenta o papel que estes componentes curriculares possuem para a aprendizagem profissional docente. Para tanto, tem como objetivo analisar a construção histórica de sentidos sobre Estágio Supervisionado e Didática nos cursos de Pedagogia, tendo ainda como percurso teórico-metodológico a Análise do Discurso. Dessa forma, a partir da análise desses sentidos elaborados historicamente foi possível perceber que os sentidos de Estágio e Didática se modificaram ao longo dos anos na produção teórica brasileira, isso aconteceu articulado às mudanças pelas quais também enfrentou o curso de Pedagogia, o que demonstra que os sentidos atuais embora articulados com os já-ditos do passado, carregam em si a possibilidade de um dizer novo sobre estes componentes curriculares. Um dizer novo que pode contribuir de forma mais efetiva para a aprendizagem da profissão professor.</p>	<p>Sentidos. Estágio Supervisionado. Didática. Pedagogia.</p>	<p>Este artigo contribui para minha pesquisa por se tratar dos estágios supervisionados e a didática, temas da minha pesquisa. A didática como elemento curricular obrigatório pode ajudar articulando com os estágios supervisionados e nas vivências em sala de aula.</p>	<p>DE MELO, Maria Julia Carvalho; DA SILVA, Maria Angélica; DE ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde. A construção histórica de sentidos sobre estágio supervisionado e didática nos cursos de pedagogia: uma análise a partir das produções teóricas. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 9, n. 1, 2014.</p>
<p>O (DES) LUGAR DA PEDAGOGIA E DA DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES</p> <p>4</p> <p>Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Universidade Federal da Paraíba (UFPB)</p>	<p>Osmar Hélio Alves ARAÚJO Janine Marta Coelho RODRIGUES Wilson Honorato ARAGÃO</p> <p>Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 01 April 2014, Vol.9(1), pp.60-70</p>	<p>Este artigo discute a relação que deve existir entre a pedagogia, a didática e a formação dos professores das diversas áreas do conhecimento, seja ela inicial ou contínua, pois parte da compreensão que são necessários componentes curriculares na formação dos professores que foquem o fazer docente, o fenômeno educativo e as práticas pedagógicas docentes. Para tanto, após considerar pesquisas e ensaios relevantes sobre o tema e considerando o objetivo de discorrer sobre o lugar da pedagogia e da didática na formação docente, o presente artigo discute aspectos que emergem em face desta temática, tais como: a formação didático-pedagógica docente; pedagogia enquanto ciência da educação; didática como campo teórico do ensino; e, sobretudo, busca entrecruzar a pedagogia, a didática e a formação dos professores. Por fim, sublinha-se que a formação dos professores, na maioria das vezes, não ocorre de modo articulado à pedagogia e que, por consequência, muitos docentes não conseguem construir saberes pedagógicos necessários à docência. À vista dessa constatação, este trabalho se encerra reiterando a compreensão que deve existir uma estreita relação entre a formação dos professores, a pedagogia e a didática, pois compreende-se que estes são campos indivisíveis.</p>	<p>Pedagogia. Didática. Formação docente.</p>	<p>Este artigo reforça minha pesquisa ao discutir a relação entre a pedagogia, a didática e a formação dos professores inicial ou continuada, focados no fazer docente e nas práticas pedagógicas, além das discussões sobre, a formação didático-pedagógica; pedagogia como ciência da educação; didática como campo teórico. A maioria das formações docentes não articulam pedagogia e didática, e por isso muitos docentes não conseguem construir saberes pedagógicos que serão necessários em sala de aula.</p>	<p>ARAÚJO, Osmar Hélio; RODRIGUES, Janine Marta Coelho; ARAGÃO, Wilson Honorato. O (des) lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 215-226, 2017.</p>
<p>FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES – COMPONENTE BASE DA FORMAÇÃO DOCENTE</p> <p>5</p> <p>Instituto Piaget - Escola Superior de Educação Jean Piaget</p>	<p>Alcina Maria da Silva Mota Figueiroa</p> <p>Saber & educar 20 / 2015: Perspectivas didáticas e metodológicas no ensino básico.</p>	<p>Face às características da sociedade atual, a formação de cidadãos implica dotá-los de conhecimentos e capacidades que os preparem para intervenções úteis e racionais, independentemente da profissão que venham a exercer. Neste domínio, insere-se a formação inicial de professores que, como componente base da qualificação profissional, deve preparar estes futuros profissionais para implementar práticas adequadas e inovadoras, nas aulas que virão a lecionar. A criação de uma comunidade de aprendizagem, no contexto de Prática de Ensino Supervisionada, pode contribuir para proporcionar condições favoráveis ao desempenho dos futuros docentes, assim como atualização didática e científica aos docentes já profissionalizados (orientadores cooperantes).</p>	<p>Formação inicial; Didática das ciências; Contexto de estágio; Comunidade de aprendizagem; Trabalho experimental.</p>	<p>Este artigo embasa minha pesquisa por tratar da formação inicial docente com uma didática inovadora e adequada e a criação de uma comunidade de aprendizagem nos estágios por um trabalho experimental.</p>	<p>FIGUEIROA, Alcina Maria da Silva Mota. Formação inicial de docentes-componente base da formação docente. Saber & Educar, n. 20, p. 234-243, 2015.</p>

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

<p>A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES, A PEDAGOGIA E A DIDÁTICA EM UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA.</p> <p>6</p> <p>Anais do 10º Encontro Internacional de Formação de Professores/11º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional, realizados na Universidade Tiradentes – Aracaju-SE, entre 15 - 19 de Maio 2017. Disponível em: < https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/4559 >.</p>	<p>Cloves Santos de MORAES Cícera Janaína Rodrigues LIMA Célia de Jesus Silva MAGALHÃES</p> <p>RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional, v.21, n.2, p. 563-574, maio-ago/2017.</p>	<p>Este ensaio problematiza a articulação que deve existir entre a formação inicial dos professores, a pedagogia e a didática, pois a pedagogia busca fundamentar as práticas docentes, os saberes pedagógicos que, como desdobramento, darão sentido à ação docente. As ideias aqui expostas pautam-se em pesquisas e ensaios que abordam a referida temática. Concluímos que importância dos saberes do campo pedagógico na formação docente, dentre eles os cursos de licenciatura, devem contribuir disponibilizando aos professores uma formação interligada aos conhecimentos desse campo, já que são de suma importância para o desenvolvimento profissional dos professores.</p>	<p>Formação inicial docente. Pedagogia. Didática.</p>	<p>Este ensaio auxilia minha pesquisa ao problematizar a formação inicial docente, a pedagogia e a didática e como os cursos de licenciaturas devem oferecer uma formação que ligue estes três conhecimentos é importante a uma formação de qualidade.</p>	<p>DE MORAES, Cloves Santos; LIMA, Cícera Janaína Rodrigues; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva. A formação inicial dos professores, a pedagogia e a didática em uma perspectiva dialógica. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 563-574, 2017.</p>
<p>O papel do outro na constituição da profissionalidade de professoras iniciantes.</p> <p>7</p> <p>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo-SP, Brasil. Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté-SP, Brasil. Universidade Federal de Lavras, UFLA, Lavras-MG, Brasil. Faculdades Atibaia, FAAT, Atibaia-SP, Brasil.</p>	<p>Marli André, Ana Maria Gimenes Corrêa Calil, Francine de Paulo Martins, Marli Amélia Lucas Pereira</p> <p>Revista Eletrônica de Educação, v.11, n.2, p. 505-520, jun./ago., 2017.</p>	<p>O presente texto tem o foco no processo de constituição da profissionalidade de professores iniciantes, buscando identificar os principais desafios enfrentados em suas práticas cotidianas na educação infantil e nos anos iniciais da educação básica. Analisa ainda os elementos que afetam a identidade e o desenvolvimento profissional desses professores. Os procedimentos metodológicos envolveram quatro grupos de discussão com egressos do curso de pedagogia de três universidades e de uma faculdade do interior do estado de São Paulo. Os depoimentos evidenciaram que as relações empreendidas no cotidiano escolar, seja com os pais de alunos, seja com os gestores da escola, com colegas mais experientes ou com os alunos têm peso considerável na constituição da profissionalidade desses professores e afetam sua identidade profissional.</p>	<p>Profissionalidade. Professor iniciante. Identidade profissional.</p>	<p>Este artigo colabora com minha pesquisa por tratar dos principais desafios encontrados na iniciação docente na educação infantil, como é adquirida a identidade profissional e como ela se desenvolve influenciadas pelas relações com a comunidade escolar (pais, gestores, colegas etc.).</p>	<p>ANDRÉ, Marli et al. O papel do outro na constituição da profissionalidade de professoras iniciantes (The role of the other in the constitution of the professionalism of beginning teacher). Revista Eletrônica de Educação, v. 11, n. 2, p. 505-520, 2017.</p>
<p>Percepção de discentes de um curso de Pedagogia em relação à didática: marcas da despolitização</p> <p>8</p> <p>MÁRDEN PÁDUA RIBEIRO é doutorando em Educação – PUC/MG; professor do curso de Pedagogia da FACISABH.</p>	<p>MÁRDEN PÁDUA RIBEIRO</p> <p>Revista Espaço acadêmico nº195. Agosto de 2017 mensal</p>	<p>O artigo é resultado de pesquisa realizada em curso de Pedagogia privado de Belo Horizonte e consiste em uma pesquisa qualitativa, tendo um grupo focal como fonte de coleta de dados. Tal grupo foi realizado com graduandos a partir da seguinte questão: qual o papel da disciplina de Didática na formação do pedagogo? A partir deste tema, as discussões se desdobraram para a centralidade da temática do conhecimento como dimensão central no campo da Didática. Foi possível perceber uma concepção instrumental acerca da Didática e despolitizada no que tange ao conhecimento. O trabalho defende a superação de uma concepção instrumental de Didática e de uma percepção ingênua face ao conhecimento. Reitera a importância na percepção da Didática em suas múltiplas dimensões, para além do instrumentalismo. Ressalta ainda a necessidade de se discutir a temática do conhecimento de modo problematizado, recusando sua pretensa neutralidade. Para isso se ampara em teóricos como: José Carlos Libâneo, Paulo Freire, Vera Candau e Henri Giroux.</p>	<p>Didática; Currículo; Conhecimento.</p>	<p>Este artigo ajuda a esclarecer sobre qual o papel da disciplina de Didática na formação do pedagogo, indo além de uma didática instrumentalista promovendo discussões de modo a problematizar a didática sem neutralidades sobre o assunto.</p>	<p>RIBEIRO, Márden Pádua. Percepção de discentes de um curso de Pedagogia em relação à didática: marcas da despolitização. Revista Espaço Acadêmico, v. 17, n. 195, p. 82-92, 2017.</p>

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

<p style="text-align: center;">9</p> <p style="text-align: center;">Ação pedagógica, ação comunicativa e didática.</p> <p style="text-align: center;">Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).</p>	<p>Alexandre Zaslavsky.</p> <p>Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 22, n. 1, p. 69-81, jan./abr. 2017.</p>	<p>O presente artigo aborda a interdependência entre o conceito de ação pedagógica e o campo de estudos da didática. A didática como disciplina representante da pedagogia moderna instaura o conceito de ação pedagógica e o novo enfoque acerca dos meios da educação como objeto científico. A ação pedagógica nasce atrelada à didática e, ao mesmo tempo, ao caráter instrumental desta (DÍAZ-BARRIGA, 1995). O problema da ação pedagógica é a “caixa-preta” da escola: o ponto de grande interesse prático ou prioridade social, porém, comparativamente, com menor incidência de reflexões teóricas. Muitos professores escolares reclamam da saturação de teorias e repetem as mesmas práticas; já os pesquisadores acadêmicos da educação reclamam a importância da reflexão teórica para a transformação da prática. Considerando o caráter historicamente articulador entre teoria e prática da didática, é curioso e ao mesmo tempo significativo esse distanciamento entre ambas. A impotência da didática, como saber geral, evidencia-se na desarticulação teoria-prática. Questiona-se o ponto de articulação entre ação pedagógica e didática enquanto é um possível ponto de transformação: Quais são as consequências de um conceito não instrumental de ação pedagógica para a didática? Pretende-se retomar o tema: <i>meios da ação pedagógica</i>, sobretudo o viés instrumental com que se identifica desde seu nascimento, e sugerir uma reconceptualização em termos do conceito habermasiano de ação comunicativa, ou seja, visando ao entendimento e não ao êxito. Com esse conceito comunicativo de ação pedagógica, apresentam-se reflexões iniciais sobre uma didática comunicativa, mais hermenêutica do que técnica. O intento, ao fim e ao cabo, é sugerir a abertura de um caminho disciplinar reflexivo para se tematizar a ação pedagógica segundo a racionalidade comunicativa, abrindo, assim, a mencionada “caixa-preta”. Com isso se pretende retirar consequências para a didática geral.</p>	<p>Ação pedagógica. Razão instrumental. Ação comunicativa. Didática.</p>	<p>Este artigo contribui para a minha pesquisa ao trazer a ação pedagógica e a didática correlacionadas e questionam as práticas sem reflexões ou a abundância de teorias a um importante questionamento para compreender: quais as consequências de um conceito não instrumental de ação pedagógica para a didática? Propõem se uma didática mais comunicativa, interpretativa e menos técnica.</p>	<p>ZASLAVSKY, Alexandre. Ação pedagógica, ação comunicativa e Didática. CONJECTURA: filosofia e educação, v. 22, n. 1, p. 69-81, 2017.</p>
<p style="text-align: center;">10</p> <p style="text-align: center;">FORMAÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO-PESQUISADOR POR MEIO DO ESTÁGIO NA PEDAGOGIA</p> <p style="text-align: center;">FURB- UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAL</p>	<p>RAUSCH, Rita Buzzi-</p> <p>CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2008</p>	<p>A formação inicial de professores é um tema muito discutido e criticado. Uma das críticas mais frequentes é que na maioria das universidades brasileiras a formação acontece, ainda, a partir de uma perspectiva técnica. Há algum tempo surgiu a perspectiva reflexiva e investigativa como alternativa significativa à formação do professor. Ela defende a construção de um professor profissional que em suas características básicas apresente autonomia, crítica, reflexão e pesquisa. Entende que o conhecimento da realidade escolar, em forma de estágio, é um riquíssimo momento para o desenvolvimento de uma práxis criativa e transformadora. O Estágio das licenciaturas da FURB alicerça-se nesta perspectiva. Há algum tempo busca adequar sua proposta na tentativa de uma maior aproximação com seus postulados. Nesta trajetória, como avanços, destacamos: definição da Política das Licenciaturas; contratação de um coordenador para os estágios das Licenciaturas; formação para formadores de professores; estágio ocorrendo ao longo do curso ao longo do semestre; professor orientador mediando o processo in loco; pesquisa como alternativa metodológica do estágio; definição de escolas “polo” como campo de estágio; tentativas de articulação de estágios de diferentes licenciaturas em escolas “polo” e o uso de diferentes modalidades de registro da experiência. Dentre os desafios mencionamos: a superação da racionalidade técnica que ainda paira em nossos currículos, a sistematização de proposta de estágio na perspectiva reflexiva e investigativa; relação mais ampliada com as escolas, considerando-as espaços fundamentais de aprendizagem profissional; promoção da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão; definição de novos tempos-espacos de estágio; a definição de conceitos-chave por fase para serem trabalhados nas diferentes disciplinas (processo interdisciplinar) de maneira horizontal e vertical; elaboração de uma proposta centrada no processo de pesquisa de maneira contínua e ampliada ao longo do curso e a promoção de níveis mais complexos de reflexividade dos acadêmicos por meio de meta-reflexões.</p>	<p>Formação inicial de professores; Estágio nas Licenciaturas; Professor Reflexivo-Pesquisador.</p>	<p>Este artigo contribui para a minha pesquisa ao trazer um tema muito discutido e criticado que é formação docente brasileira que mesmo hoje em dia acontece com uma perspectiva técnica, deixando de lado a perspectiva reflexiva e investigativa como alternativa. Com o auxílio da autonomia, crítica, reflexão e pesquisa podemos refletir sobre a prática docente formando profissionais de qualidade. O estágio é um riquíssimo momento para o desenvolvimento de uma práxis criativa e transformadora. Que deve levar em conta outros fatores que o influenciam.</p>	<p>RAUSCH, Rita Buzzi. Formação do professor reflexivo-pesquisador por meio do estágio na Pedagogia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2008.</p>

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

MATERIAL DA PRIMEIRA PARTE					
TÍTULO E INSTITUIÇÃO	AUTOR/ES E ANO DE PUBLICAÇÃO	RESUMO	PALAVRAS CHAVE	REFLEXÃO	REFERÊNCIA
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE 1 LIVRO	Maria Isabel de Almeida; Selma Garrido Pimenta (orgs.). Editora Cortez 2014	A ideia central deste livro é a de que o estágio se produz na interação entre os cursos de formação e o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. No caso de formação de professores, é a prática docente realizada em contextos escolares, especialmente das redes públicas. Por meio dos resultados de estudos e pesquisas aqui reunidos, o tema é visto pela ótica de diversas perspectivas que buscam trazer contribuições ao campo, enfatizando as novas possibilidades do estágio supervisionado para uma formação de melhor qualidade dos estudantes que estão adentrando ao universo da docência. Docência essa que conhecem como estudantes, mas que a Licenciatura tem de equipá-los para verem e se verem na docência como profissionais. Seu propósito é proporcionar, com a reflexão e análise de experiências sobre os estágios curriculares supervisionados, uma efetiva contribuição aos professores que formam professores e também aos que estão passando por essa formação.		Este livro chega sobre a prática docente e novas possibilidades de estágios supervisionados visando a qualidade da formação inicial a docência e como essas experiências em estágio podem contribuir para a reflexão e a busca por uma didática qualitativa e elementos para a constituição da docência.	DE ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido. Estágios supervisionados na formação docente. Cortez Editora , 2014.
ESCOLA E APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA: PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO 2 LIVRO	Maria da Graça Nicoletti; Aline Maria de Medeiros Reali; Cláudia Raimundo Reyes; Elisabeth Márcia Martucci; Emilia Freitas de Lima; Regina Maria Simões; Puccinelli Tancredi; Roseli Rodrigues de Mello. COM PED; INEP; EDUFSCAR.	Este livro resulta de uma investigação vinculada ao Programa de Pesquisas Aplicadas sobre a Melhoria do Ensino Público no Estado de São Paulo-FAPESP que envolveu as autoras- docentes do Centro de Educação e Ciências Humanas da universidade Federal de São Carlos- e profissionais de uma escola da rede estadual de ensino Fundamental (séries iniciais), no período de 1996 a 2000. A partir do exame da problemática atual relacionada à formação e à pesquisa da aprendizagem da docência, é descrita e analisada uma estratégia- ao mesmo tempo investigativa e formativa- que considera a parceria universidade – escola, a escola de ensino fundamental e a pesquisa colaborativa como instâncias formadoras da docência.		Este livro apoia minha pesquisa ao trazer elementos para a constituição da docência analisando os diversos problemas encontrados em campo no ensino público e como a pesquisa da aprendizagem a docência pode ser uma saída ao fazer o intercâmbio entre escolas e universidades.	MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação . São Carlos: EdUFSCar, 2002.
Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas. 3 Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas	BERNARDETE A. GATTI Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010	Este artigo aborda a formação de professores no Brasil, considerando quatro aspectos: o da legislação relativa a essa formação; o característico sócio educacionais dos licenciandos; as características dos cursos formadores de professores; os currículos e ementas de licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas. Os três últimos aspectos são tratados a partir de pesquisas publicadas nos anos de 2008 e 2009. A interação dos diferentes fatores abordados sinaliza um cenário preocupante sobre a resultante dessa formação. Mereceria maior atenção as ambiguidades das normatizações vigentes, a fragmentação da formação entre e intracurso, a parte curricular dedicada à formação específica para o trabalho docente, aqui incluídos os estágios na forma como hoje se apresentam na maioria das instituições.	Formação de professores. Legislação. Licenciaturas. Currículo. Estágios.	Este artigo me ajuda a delinear os caminhos da educação no Brasil e compreender as dificuldades encontradas e como resolvê-las. Trazendo também os caminhos que são delineados pelas leis da educação, os dois lados de uma educação fragmentada, o currículo feito apenas para o trabalho docente sem a preocupação com a formação de qualidade e finalmente a importância dos estágios na formação inicial docente.	GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas . Educação & Sociedade, v. 31, n. 113, 2010.
O Projeto Bolsa Alfabetização: contribuições para a iniciação à docência na visão de alunas pesquisadoras e professoras	Francine de Paulo Martins; Marli Amélia Lucas Pereira	O presente estudo objetivou investigar a visão das alunas pesquisadoras e das professoras orientadoras acerca das contribuições do Projeto Bolsa Alfabetização para formação e iniciação à docência. Para tanto, foi realizado um grupo de discussão com 10 alunas pesquisadoras e entrevista com duas professoras	Iniciação à docência. Bolsa Alfabetização. Aproximação universidade e escola.	Este artigo coopera com a minha pesquisa por se tratar de uma investigação sobre a formação inicial de professores	MARTINS, F. P. ; LUCAS, M. A. . O Projeto Bolsa Alfabetização: contribuições para a iniciação à docência na visão de alunas pesquisadoras e professoras

8.1 Quadro de revisão bibliográfica

<p>orientadoras.</p> <p>4</p> <p>UMC/UNISUZ/PUCSP Marli FAAT/IFSP/PUCSP</p>	<p>EDUCARE Grupo de Trabalho – Formação de Professores e Profissionalização Docente Agência Financiadora: CNPq</p>	<p>orientadoras das Faculdades participantes. Os resultados da pesquisa evidenciam que o Projeto Bolsa Alfabetização configura-se como uma proposta inovadora na minimização de problemas referentes à alfabetização de crianças da escola pública, bem como se configura como um projeto inovador na formação de futuros professores e gradativa inserção à docência, uma vez que coloca em evidência a necessidade de ajustar a prática profissional de professores em exercício e futuros professores frente a complexidade do realidade escolar. No que se refere ao olhar do professor orientador, as contribuições do Projeto Bolsa Alfabetização podem ser observadas na mudança de postura dos alunos pesquisadores em relação aos demais alunos da turma que não participam do programa, por meio da participação ativa promovendo novos questionamentos e consequentes reflexões acerca da articulação entre a teoria e a prática. Com relação às contribuições do Projeto na visão dos alunos pesquisadores os resultados apontam que a experiência vivida por eles permitem a ampliação do olhar que possuíam acerca da docência promovendo maior compromisso e responsabilidade com a formação e com as atividades desenvolvidas em parceria com as escolas públicas. Vivenciar o dia a dia da escola e da sala de aula permite a inserção gradativa dos alunos no exercício da profissão em situações reais de resolução de problemas e desafios postos pela docência, relação com os alunos, domínio do conteúdo a ser ensinado e com a promoção da aprendizagem da turma. Os alunos pesquisadores consideram ser uma oportunidade rica para aprendizagem e tomada de decisão do professor que desejam ser.</p>		<p>e como acontece na realidade em campo, trazendo ligações e reflexões entre a teoria e a prática promovendo o compromisso e a responsabilidade com a formação docente e a inquietude de se tornarem profissionais capazes de resolverem desafios e problemas.</p>	<p>orientadoras. In: EDUCERE, 2015, Curitiba. Anais EDUCERE, 2015.</p>
<p>Metodologia de pesquisa: guia prático com ênfase em Educação Ambiental.</p> <p>5</p> <p>Universidade Federal de Lavras</p>	<p>Martins, Ronei Ximenes</p> <p>12-Dez-2015</p>	<p>A Educação Ambiental é uma área interdisciplinar com atuação simultânea em torno do ambiental e do educativo e que tem assumido grande relevância no Brasil. Existe abundância de temas para pesquisa e muitos problemas a serem investigados, mas para isso são necessários: muita criatividade, metodologia bem elaborada e rigor científico na construção/validação do novo conhecimento. Além disso, a pesquisa em Educação Ambiental deve cumprir a função social de enriquecer não só o que se sabe, mas principalmente o que se faz nessa área. Com base em tais premissas, este livro foi organizado com o objetivo de orientar estudantes de graduação e pós-graduação na concepção, delineamento e desenvolvimento de projetos de pesquisa nessa área.</p>	<p>Pesquisa qualitativa Educação Formação de professores</p>	<p>Este livro trouxe contribuições para a minha pesquisa por orientar como fazer um projeto de pesquisa dando o passo a passo de cada etapa, independente de qual tema será tratado.</p>	<p>MARTINS, Ronei Ximenes. Metodologia de pesquisa: guia prático com ênfase em Educação Ambiental. Lavras: UFLA, 2015</p>

8.2 Quadro de observações escola A e B

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO- ESCOLA A					
CATEGORIZAÇÃO:	EVIDÊNCIA:	REFLEXÕES:	REFERENCIAL TEÓRICO (AUTOR/CITAÇÃO/POR QUÊ?):	POSSIBILIDADES DE ENCAMINHAMENTO.	O QUE FICOU PARA A ALINE? APRENDIZAGEM PROFISSIONAL
1- GESTÃO DO TEMPO.	<p>O tempo é dividido em aulas de 50 min, onde os alunos seguem um horário de aula, podendo algumas vezes trocar o horário da disciplina, mas não o dia da sua ministração.</p> <p>"Todos os dias as crianças chegam e seguem para o pátio da escola onde elas se organizam em fila do maior para o menor aluno, uma fila para meninas e outra para meninos. Por se tratar de um colégio militar cada dia tem um monitor que apresentar a turma para a professora".</p> <p>"As crianças chegam à sala de aula cantando músicas, penduram as lancheiras e se sentam nas carteiras que são compostas com uma ficha com o nome do aluno, do colégio e da professora, que são coladas com papel Contact, tornando assim, o lugar fixo para cada aluno".</p> <p>"Após se sentarem, começam a rotina do dia contando quantos meninos e quantas meninas estão presentes na aula naquele dia, a professora anota a quantidade de cada gênero e depois jutos, professora e alunos os somam e novamente. A professora escreve a quantidade na lousa dando assim, a quantidade total de alunos presentes no dia". (p.22. Relatório de estágio supervisionado).</p>	<p>Porém, durante minhas observações vi como é difícil estipular um tempo para cada conteúdo disciplinar e seguir o horário escolar, conforme, o pré-determinado pelo planejamento, pois a apostila apresenta algumas atividades com um nível maior de dificuldade e, por estarem na fase de alfabetização, alguns exercícios se tornam mais complicados.</p>	<p>Para além da utilização dos saberes para as práticas sociais, Libâneo, 2001 fala sobre um saber com o objetivo de ensino para o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos com a assimilação consciente e ativa dos conteúdos, ou seja, para que a assimilação realmente aconteça e se consolide ela deve acontecer de forma ativa em seus atos.</p> <p>Na perspectiva histórico-social, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos. O professor, na sala de aula, utiliza-se dos conteúdos da matéria para ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades de observar a realidade, perceber as propriedades e características do objeto de estudo, estabelecer relações entre um conhecimento e outro, adquirir métodos de raciocínio, capacidade de pensar por si próprios, fazer comparações entre fatos e acontecimentos, formar conceitos para lidar com eles no dia-a-dia de modo que sejam instrumentos mentais para aplicá-los em situações da vida prática. (LIBÂNEO, 2001, p. 02).</p> <p>Para Libâneo, 2001 cabe ao professor desenvolver competências e habilidades de observar a realidade e ter a sensibilidade para perceber e estabelecer relações entre um conhecimento e outro para aplicá-lo no dia-a-dia.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos. O essencial da didática e o trabalho de professor—em busca de novos caminhos. PUC-GO: Goiânia, 2001.</p>		
2- ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA.	<p>"A sala de aula observada durante o estágio é espaçosa e iluminada e com cortinas coloridas. Possui espaço suficiente para as carteiras e cadeiras dos vinte e três alunos e mais três carteiras e cadeiras vazias, uma mesa com cadeira para a professora, uma mesa grande no fundo da sala com jogos pedagógicos variados, um armário, uma prateleira onde ficam guardados os livros e os cadernos que não estão sendo usado no dia, um quadro negro, dois ventiladores, uma televisão, um DVD, um Datashow, um mural no fundo da sala, um varal com os trabalhos dos alunos, calendário, alfabeto, sacola de livrinhos, cartazes de combinado da turma, na parte externa, (pertencente a sala de aula) temos um mural de datas</p>	<p>Das minhas observações, foi possível concluir que esta escola possui uma ótima estrutura física, com os materiais e recursos pedagógicos necessários para facilitar a aprendizagem das crianças.</p> <p>A professora é uma profissional comprometida e dedicada que não se limita a atividades pré-estabelecidas, estando sempre pesquisando e a procura de novos conhecimentos didáticos pedagógicos.</p>	<p>Segundo Goulart (2012) constata-se que existe uma cultura material escrita presente em objetos na sala de aula, que ora apenas compõe o ambiente, ora faz parte das práticas de leitura e escrita realizadas pelo professor, gerando a necessidade de refletir sobre o quanto a dimensão estética do ambiente está vinculada à dimensão pedagógica e a formação do professor na caracterização do espaço de ensino.</p> <p>A partir da observação e análise da coletânea de imagens, dos objetos escritos expostos, foi possível destacar um conjunto de materiais gráficos que os professores, independente de sua proposta metodológica ou da instituição escolar (pública/privada), elegem como prioridade para compor o espaço de uma sala de alfabetização: o alfabeto, os números, calendário, cartazes (nome dos alunos, ajudante do dia, palavras trabalhadas), painel de exposição de atividades dos alunos e ornamentação da sala. Uma observação</p>		

	<p>comemorativas e pinturas nas paredes de forma alegre e colorida". (Silva. A.I.R. 2018 p.13. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA)</p> <p>"A sala de aula é um ambiente muito aconchegante, colorido e agradável, propiciando um clima gostoso para a convivência de todos, professora e alunos". (Silva. A.I.R. 2018 p.19. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA). As carteiras são colocadas em fila.</p>		<p>que possibilitou classificar tais materiais como 'expressivo, interativo e decorativo'. (GOULART, 2010. p.09)</p> <p>Diante destas afirmações, entendemos que é de grande importância observar como este ambiente é composto e organizado, obtendo um melhor entendimento quanto ao uso de cada material e sua função na sala de aula.</p> <p>GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. A formação docente e a constituição de um espaço de ensino 5.º Seminário Nacional: O Professor é a Leitura do Jornal. UNICAMP, Campinas, 2010.</p>		
<p>3- RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO/ ENSINAR- SELEÇÃO DO CONTEÚDO.</p>	<p>"A professora é preocupada com o conteúdo, então para complementar o material das apostilas, foi possível verificar que são oferecidas atividades xerocadas para os alunos como forma de auxílio a alfabetização, reforçando o que precisa ser trabalhado". (Silva. A.I.R. 2018 p.13. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA).</p> <p>"Além da apostila Positivo, trabalhos xerocados eles também usam um material chamada: "A rua de A a Z", o trabalho com o alfabeto e o som das palavras em forma de rima, ajudando muito no reconhecimento do som das palavras". (Silva. A.I.R. 2018 p.19. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA).</p> <p>"Na sala de aula também tem alguns livros de histórias que ficam pendurados do lado dos numerais, porém não presenciei atividade em que as crianças pudessem manuseá-los, durante o tempo em que estive no estágio". (Silva. A.I.R. 2018 p.19. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA).</p> <p>"Dentro da sala de aula não tem o cantinho de leitura, porém a escola tem uma biblioteca grande com uma área reservada apenas para as crianças que estão nesta fase de alfabetização, chamado: "Cantinho da Dirce", em homenagem a uma antiga bibliotecária do colégio. Este local foi reformado recentemente, com visitas programadas pelas professoras de uma vez por semana para cada turma". (Silva. A.I.R. 2018 p.20 Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e</p>	<p>Observei também que a turma também tem aulas específicas com outros professores como de inglês, religião, biblioteca e informática que acontecem uma vez por semana e a de educação física que acontecem duas vezes por semana, consegui acompanhar algumas delas como de inglês e de informática.</p>	<p>"Pensar sobre as possibilidades que têm a Pedagogia e a Didática de colaborar para a construção de espaços pedagógicos prazerosos, criativos e interativos para cativar os discentes é ao mesmo tempo buscar subsídios para tornar a escola um lugar de construção do conhecimento partilhado entre docentes e discentes. Entretanto, o professor necessita de uma formação pedagógica que lhe torne um sujeito capaz de dialogar com as circunstâncias postas pela prática docente. Uma formação pedagógica que o permita construir práticas conforme as reais necessidades dos discentes e, desse modo, envolvê-los nos processos de ensino e aprendizagem, é necessária. Nesta perspectiva, compreendemos que a formação docente deve levar os professores a serem sujeitos capazes de mobilizar os alunos para a construção do conhecimento a partir de uma educação problematizadora, democrática e equânime". (p.565).</p> <p>DE MORAES, Cloves Santos; LIMA, Cícera Janaina Rodrigues; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva. A formação inicial dos professores, a pedagogia e a didática em uma perspectiva dialógica. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 563-574, 2017.</p>		

	<p>letramento. DED. UFLA).</p> <p>"Segundo a professora, neste início do ano letivo elas se concentram em atividades de aquisição da leitura e escrita, deixando o trabalho com as malas de leitura para o final do mês de maio, momento em que as crianças começam entender melhor este processo e se sentem mais confiantes para recontarem as histórias". (Silva. A.I.R. 2018 p.13. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA).</p> <p>Observei também que a turma também tem aulas específicas com outros professores como de inglês, religião, biblioteca e informática que acontecem uma vez por semana e a de educação física que acontecem duas vezes por semana, consegui acompanhar algumas delas como de inglês e de informática. (Silva. A.I.R. 2018, p.24. Relatório de estágio supervisionado em alfabetização e letramento. DED. UFLA).</p>				
4- RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.	<p>A professora é muito exigente e trata as crianças com muita seriedade, por isso elas obedientes.</p>	<p>Penso que, por serem alunos da primeira série do ensino fundamental, poderia ser um ambiente mais amoroso e menos tenso.</p>	<p>A experiência de estar em sala de aula podendo introduzir nossos conhecimentos possibilita um preparo maior para o exercício de nossa prática, nos traz um olhar mais amplo e revelador, as atividades desenvolvidas e os aspectos pedagógicos- educacional que a envolve, a fim de nos preparar também criticamente para a prática profissional. Segundo Libâneo (2001, p.2) "(...) A sala de aula é o lugar compartilhamento e troca de significados entre o professor e os alunos e entre os alunos".</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos. O essencial da didática e o trabalho de professor—em busca de novos caminhos. PUC-GO: Goiânia, 2001.</p>	<p>Minha experiência com a professora da instituição foi muito gratificante. Ela é muito dedicada e responsável e aprendi muito com ela. Durante minhas observações constatei a preocupação dela com a qualidade da educação, o respeito e carinho com que tratava cada aluno. Esta possibilidade de vivenciar experiência no âmbito escolar, também ofereceu um novo olhar sobre o ensino, e quando temos a oportunidade de ver mais de perto a sua rotina constatamos que não se trata de um ambiente ríspido, mas que em muitos momentos podemos ver sensibilidade ao tratar com o outro.</p>	
5- PLANEJAMENTO	<p>Seguem um material formatado, mas a professora faz um planejamento semanal que é revisado por ela a cada dia, ou até dois dias,.</p>	<p>Apesar de ter um material que já vem formatado (apostila), ao fazer o planejamento semanal possibilita a professora rever o que deve ser trabalhado com maior intensidade com as crianças. Reforçando a aprendizagem e a aquisição efetiva do conhecimento.</p>	<p>Segundo Gadotti (2003, p.27) "A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos "lecionar" – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor." Por isso, buscamos respeitar a infância, proporcionando uma prática em que a criança se sinta à vontade para realizar, e que de alguma forma faça parte do seu desenvolvimento. A atividade proporcionou uma experiência muito válida, fazendo pensar e repensar a prática pedagógica, tornando bem clara a contribuição que essa prática proporciona, pois por meio dela, o discente de pedagogia pode refletir e identificar novas estratégias de ensino pensando na criança</p>		

			e suas especificidades. GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.		
6- OUTRAS INFORMAÇÕES.	A turma não é muito grande tem apenas 23 alunos sendo 8 meninas e 15 meninos, porém é uma turma tranquila e obediente.	A turma é tranquila em meu ponto de vista, não só por ser pequena, mas por ter receio de tratar em alguns momentos com a professora por ela ser muito rígida.			Durante o estágio em Alfabetização e Letramento, foi possível acompanhar um pouco do dia-a-dia da escola e suas estratégias visando à qualidade e o bom desenvolvimento do trabalho coletivo na escola, permitindo assim conhecer uma das muitas ações do pedagogo e pensar em algo que pudesse contribuir com a melhoria do trabalho escolar, fazendo pensar e repensar a prática pedagógica, tornando clara a contribuição da experiência do estágio, pois, por meio dele, o aluno pode refletir e identificar novas estratégias para solucionar problemas que talvez não imaginasse que fosse encontrar profissionalmente.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO- ESCOLA B

CATEGORIZAÇÃO:	EVIDÊNCIA:	REFLEXÕES:	REFERENCIAL TEÓRICO (AUTOR/CITAÇÃO/POR QUÊ?).	POSSIBILIDADES DE ENCAMINHAMENTO.	O QUE FICOU PARA A ALINE? APRENDIZAGEM PROFISSIONAL
<p>1- GESTÃO DO TEMPO.</p>	<p>O tempo é dividido em aulas de 50 min, onde os alunos seguem um horário de aula, podendo algumas vezes trocar o horário da disciplina. No horário de aula das crianças consta que eles deveriam ter aula de artes, porém isto não acontece, algumas reclamam e ficam chateadas, falam que elas só ficam o tempo todo copiando. A professora justifica dizendo que não deu tempo, pois ela precisava passar a matéria para a prova.</p> <p>"Todos os dias as crianças chegam e seguem para a quadra da escola onde elas se organizam em fila, uma fila para meninas e outra para meninos, no microfone a diretora dá os avisos, juntos cantam parabéns para os aniversariantes, cantam o hino nacional e fazem uma oração. Depois disso, cada professora leva seus alunos para sua respectiva sala.</p> <p>"As crianças chegam à sala de aula e colocam as mochilas atrás das cadeiras. Após se sentarem, começam a rotina do dia anotando o cabeçalho". (Silva. A.I.R. 2018, p.17. Relatório de Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. DED, UFLA).</p>	<p>A Gestão do tempo é muito importante porque quando distribuído corretamente não acontecem frustrações por não conseguir ministrar a disciplina que é programada, porém imprevistos aparecem e cabe ao professor, considerar esta situação em seu planejamento e na gestão do tempo.</p>			
<p>2- ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA.</p>	<p>"A sala é pequena, e fica no segundo andar, tem uma iluminação boa, porém é muito quente e o ventilador não gira para refrescar a turma toda, as mesas e cadeiras são uma atrás da outra e a professora senta na frente em uma cadeira com mesa. Tem um quadro de giz, um armário e duas janelas com cortinas, cartazes com mensagens contra bullying e combinados da turma". (pg.16, relatório).</p>		<p>"Considerando que há nas salas de aulas, muitas vezes, a ausência de um espaço pedagógico significativo e capaz de mobilizar saberes e possibilitar aos sujeitos construir conhecimentos convém destacarmos as necessidades formativas dos professores, em relação aos conhecimentos didático-pedagógico que, por consequência, se reverberam nos processos de ensino e de aprendizagem. Desta forma, a didática, como sinaliza Franco (2015), ajudará o professor a pensar no significado do</p>		

	<p>"Terminada a aula de Educação física é aula de biblioteca, porém a professora me disse que eles só foram uma vez no ano porque a bibliotecária esta sempre ocupada e nunca vai busca-los, então os alunos foram para a sala e a professora substituiu aula de biblioteca por de português". (pg. 16, relatório).</p> <p>A sala de aula é um ambiente pouco decorado sem cartazes ou enfeites, dando uma cara muito séria para o ambiente.</p> <p>Na sala, as carteiras são colocadas em filas. Porém não existe local fixo para os alunos, cada dia eles se sentam em um local diferente, além de trocarem de lugar, eles também trocam as carteiras, fazendo com que todos os dias se percam cerca de trinta minutos para se organizarem em seus lugares.</p>		<p>ato de ensinar, a refletir sobre a sua prática frente à realidade, a olhar para o aluno e pensar nas suas necessidades e, por consequência, a organizar o ensino a partir desse mesmo olhar". (p.221).</p> <p>ARAÚJO, Osmar Hélio; RODRIGUES, Janine Marta Coelho; ARAGÃO, Wilson Honorato. O (des) lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 215-226, 2017.</p>		
<p>3- RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO/ ENSINAR-SELEÇÃO DO CONTEÚDO.</p>	<p>A professora complementa o material dos livros com atividades xerocadas, reforçando o que precisa ser trabalhado.</p> <p>Além dos livros didáticos, são oferecidos trabalhos xerocados.</p> <p>"Na sala de aula também tem alguns livros de histórias que ficam dentro do armário para que os alunos que terminarem as atividades primeiro fiquem lendo até ter início à atividade seguinte, porém não funciona muito bem porque os alunos ficam brincando ao invés de ler.</p> <p>Não vi nenhuma atividade com livros de leitura na biblioteca, e as visitas programadas que veem no horário escolar não acontecem.</p> <p>"Também não vi nenhum projeto de leitura, estimulando a lê e o reconto de historias".</p> <p>Observei também que a turma tem aula específica somente de educação física que acontecem duas vezes por semana.</p>		<p>Ao tentarmos refletir sobre as palavras de Gadotti quando ele diz que:</p> <p>A educação do futuro deverá se aproximar mais dos aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos". Isso implica novos saberes, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisa, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas, etc. (GADOTTI, 2003, p.25)</p> <p>Levamos em consideração que para se ter uma educação que abranja todos esses aspectos: "éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, e emocionais é trabalhoso e para que isso aconteça, é preciso que como profissionais saibamos planejar e desenvolver estratégias.</p> <p>GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.</p>		<p>Devemos levar em conta as diversas áreas que devemos estimular para que a criança possa desenvolver as habilidades que necessitam, e por isso começamos do simples para o complexo, sempre interagindo com adultos e crianças.</p>

<p>4- RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.</p>	<p>“Os professores em geral se relacionam muito bem entre si e com os alunos, porém em alguns momentos pude ver os alunos responderem mal a professora, desafiá-la e desobedecê-la”. (pg.10, relatório)</p> <p>“Dois alunos brigaram de murros e chutes e a professora me pediu para ir até a coordenação chamar a supervisora, pois os alunos não a respeitavam”. (pg.14, relatório).</p> <p>“A professora é muito calma e deixa tudo correr sem a mínima organização e por isso para evitar as conversas da turma, a tática da professora é anotar o nome dos alunos no canto direito do quadro para deixá-los sem recreio ou sem educação física, porém ainda não a vi cumprir”. (pg. Do relatório)</p>	<p>Não devo desconsiderar os demais acontecimentos do estágio, que ao meu ponto de vista influenciaram de certa forma em algumas atitudes dos alunos, como por exemplo, o fato da professora anotar no canto esquerdo do quadro o nome dos alunos desobedientes para ficar sem recreio ou educação física, porém durante todo meu estágio nesta escola somente um dia eu a vi deixá-los sem educação física.</p> <p>Penso que a turma estava esperando uma atitude da professora que infelizmente deixava os alunos sem controle ou direcionamento.</p> <p>De acordo com a Pedagogia da autonomia de Paulo Freire, ele nos diz que o professor também educa com exemplos e quando a professora anota o nome no quadro para deixar as crianças sem recreio ou educação física e não cumpre o que falou, ela está ensinando aos alunos a descumprir os combinados ou a não cumprir com a palavra, talvez por isso, eles não a respeitam.</p> <p>Não concordo em tirar o recreio ou a educação física das crianças, mas se ela disse que ia fazer, ela tem que fazer. E foi exatamente por isso que eles obedeceram a supervisora que cumpre o que fala e conversa com eles de forma firme, e só foram para a sala dela quando ela foi buscá-los.</p>	<p>Além deste episódio específico de violência, infelizmente pude presenciar vários parecidos com este durante meu estágio, porém, este foi o mais marcante por ter ocorrido logo no primeiro dia do meu estágio. Sobre a violência na escola, Santos (2016) explica:</p> <p>Nos últimos anos, com a crescente nos índices de violência escolar, a preocupação com a violência nas escolas aumentou e tornou-se questionável a ideia de que as origens do fenômeno estivessem somente fora dos muros escolares (ABRAMOVAY e RUA, 2002), exigindo estudos mais aprofundados sobre as causas intraescolares da violência, assim como políticas públicas que tentassem sanar esse agravante. (SANTOS, 2016, p.19).</p> <p>Como professores que seremos, devemos tentar descobrir aonde podem estar as causas da violência, podendo ser além dos muros da escola, mas em outros casos o simples ato de conduzir a aula pode ajudar o professor para que algumas situações não aconteçam.</p>		
	<p>O planejamento é feito diariamente em um caderno onde a professora anota como as aulas acontecerão.</p> <p>“A professora me disse que utiliza este horário vago para colocar o plano de aula dela em dia, para a correção de provas e demais atividades já que a sua turma são alunos agitados sendo impossível fazer isso com eles dentro de sala”. (Silva, A.I.R, 2018, p.15. Relatório de Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. DED, UFLA).</p> <p>“(…) E suas aulas são planejadas e passam pela supervisora. Grande maioria frequenta a</p>				

<p>5- PLANEJAMENTO</p>	<p>sala dos professores. A escola possui livros didáticos disponibilizados pelo governo". (Silva. A.I.R. 2018, p.10. Relatório de Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. DED, UFLA).</p> <p>"Observando o plano de aula da professora deste dia pude notar que os conteúdos lecionados são organizados de forma dinâmica com começo, meio e fim". (pg. 22 do relatório)</p>				
<p>6- OUTRAS INFORMAÇÕES.</p>	<p>A turma não é muito grande tem apenas 23 alunos sendo 8 meninas e 15 meninos, porém é uma turma extremamente agitada, falantes e brigam muito.</p> <p>Durante minhas observações na escola pude notar que ela desenvolve projetos interdisciplinares e projetos extras turnos estreitando o laço entre escola e comunidade escolar. Estes projetos são desenvolvidos por causa da violência que é muito presente na escola, que por diversas vezes pude presenciar brigas com chutes e murros entre alunos.</p> <p>Também tive a oportunidade de presenciar a organização dos momentos de interação entre professores, escola e comunidade em um sábado letivo no qual fiquei ajudando nos preparativos e enfeites, onde a escola se preocupava com a recepção das famílias.</p> <p>"Uma coisa chama a atenção é a falta de material dos alunos. Todos os dias pelo menos cinco crianças não tem se quer lápis de escrever e borracha e pedem para a professora ou até mesmo para mim".</p> <p>"Os alunos são tão agitados que nem nessas atividades conseguem se divertir e aproveitar, pois a bagunça é tanta que ao invés de se divertir eles se cansam". (pg. 23 do relatório)</p>	<p>Mesmo sendo uma turma relativamente pequena, o posicionamento do professor em sala de aula é muito importante, pois devido ao seu modo de conduzir as aulas e de cobrar o material para suas aulas influencia diretamente no comportamento dos alunos.</p>	<p>Além da violência entre as crianças, a agitação, as conversas, os gritos e a falta de respeito com a professora me chamaram muito atenção me deixando assustada com toda esta situação, logo no meu primeiro dia do meu estágio. A este respeito Nono e Mizukami (2002), esclarece que o "Caso de ensino" tem suas peculiaridades:</p> <p>Cada caso oferece um fórum para apresentação e exame crítico de princípios teóricos e abordagens alternativas, levando em consideração os limites e as complexidades da situação de sala de aula. [...] Eles oferecem oportunidades para que professores e seus estudantes testem seu conhecimento de teoria com a prática. Algumas vezes, princípios devem ser adaptados e novas regras inventadas, para que se possa compreender as complexidades das situações de sala de aula e dos episódios de ensino. (Shulman, 1990, p.76 citado por NONO; MIZUKAMI, 2002, p. 75).</p> <p>Por isso, quando olho criticamente para meu estágio é de suma importância utilizar da teoria para esclarecer minhas dúvidas e questionamentos que ocorrem durante as observações.</p>	<p>É importante projetos elaborados pela escola unindo família e comunidade escolar, ser um professor que ensine com exemplos, ser firme e amoroso, e elaborar planos de aula que aborde situações onde as crianças sejam capazes de conhecer seus sentimentos e compreender a importância do carinho, da amizade e do respeito.</p> <p>Ser um professor consciente que norteia a turma e não somente aquele que diz retirar a vez do aluno mas que nunca cumpra.</p>	<p>Enxergar as dificuldades da escola em relação à realidade é um avanço, principalmente quando é algo que precisa ser feito com a participação de todos. Deve-se estar atenta à evasão escolar, a repetência, a realidade socioeconômica da comunidade e tudo o que a caracteriza, ficando isto bem claro quando usamos de exemplo ao confrontarmos a lógica da mídia sedutora que nos leva a não reflexão sobre diversos processos.</p> <p>Os desafios são grandes, mas nós como futuros docentes temos que ter a compreensão de que é possível uma prática pedagógica responsável e intencional, sempre estudando e se preparando.</p>